

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS CAXIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

HERMESSON DOS SANTOS SILVA

**NARRATIVAS POPULARES: ENREDANDO AS (MUITAS) VERSÕES DOS
DIFERENTES CONTOS NO C.E GONÇALVES DIAS EM CAXIAS-MA**

Caxias

2024

HERMESSON DOS SANTOS SILVA

**NARRATIVAS POPULARES: ENREDANDO AS (MUITAS) VERSÕES DOS
DIFERENTES CONTOS NO C.E GONÇALVES DIAS EM CAXIAS-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
do Campus Caxias, da Universidade
Estadual do Maranhão (UEMA), como
pré-requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marinalva
Aguiar Teixeira Rocha

Caxias

2024

S586n Silva, Hermesson dos Santos

Narrativas populares: enredando as (muitas) versões dos diferentes contos no C.E. Gonçalves Dias em Caxias-MA / Hermesson dos Santos Silva_Caxias: Campus Caxias, 2024.

71f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof^a. Dra. Marinalva Aguiar Teixeira Rocha.

1. Contos populares. 2. Literatura infantil. 3. Narrativas orais. I.

Título

CDU 398.2

HERMESSON DOS SANTOS SILVA

**NARRATIVAS POPULARES: ENREDANDO AS (MUITAS) VERSÕES DOS
DIFERENTES CONTOS NO C.E GONÇALVES DIAS EM CAXIAS-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
do Campus Caxias, da Universidade
Estadual do Maranhão (UEMA), como
pré-requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras.

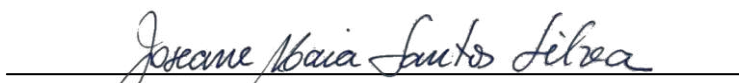
Orientadora: Profa. Dra. Marinalva
Aguiar Teixeira Rocha

Aprovado em: 30/07/2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marinalva Aguiar Teixeira Rocha (Orientadora)
(UEMA)



Profa. Dra. Joseane Maia Santos Silva
(UEMA)



Prof. Me. Max Mateus Moura da Silva
(UEMA)

Ao Deus Altíssimo, por sua infinita misericórdia e imenso amor que tem por nós.

À minha família, por todo apoio emocional e financeiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da minha vida, pois sem Ele não concluiria este trabalho.

Aos meus familiares, por tudo que fizeram por mim nos bons e maus momentos pelos quais vivi. Amo todos vocês.

À UEMA, por ser uma instituição de ensino que transforma a vida de muitas pessoas.

Aos docentes do Departamento de Letras do Campus Caxias, em especial, às professoras Joseane Maia, Marinalva Aguiar, Socorro Carvalho e Solange Moraes pelo imenso carinho, paciência e por acreditarem no meu potencial. Eternamente sou grato.

Aos alunos do Centro de Ensino Gonçalves Dias e à professora de Língua Portuguesa Iracir, pela efetiva participação durante a aplicação do projeto.

Aos contadores de histórias, por me presentarem com seus lindos contos populares.

Ao CNPq, por financiar o projeto do qual fui bolsista por dois anos consecutivos.

“O homem necessita tanto de pão quanto de histórias”.

Guimarães Rosa

RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico e investigativo, tem como objeto de pesquisa os contos populares e suas diferentes versões. Como gênero de natureza oral, os contos populares são narrativas tradicionais que povoam o imaginário coletivo humano desde as civilizações primitivas até às contemporâneas e veiculam saberes, crenças, normas e valores da nossa sociedade. Assim sendo, ao longo desta monografia, fundamentada, teoricamente, em Cascudo (1978; 2000), Góes (1984), Coelho (2000; 2012), dentre outros; discute-se os aspectos histórico e literário acerca desse gênero oral, no que tange a sua origem, conceituações, características e relação com a literatura infantojuvenil. Discorre-se sobre um relato de experiência no Centro de Ensino Gonçalves Dias, concernente à utilização dos contos populares em oficinas de leitura e produção textual de narrativas junto aos discentes da referida instituição de ensino, bem como apresenta-se os resultados da coleta de contos populares nos bairros Cohab e Vila Lobão da cidade de Caxias-MA. Ademais, faz-se uma análise comparativa entre os contos coligidos na comunidade caxiense e os de outras fontes de literatura oral, assim como elenca-se as principais temáticas nas narrativas orais dos contadores pesquisados.

Palavras-chave: contos populares; literatura infantojuvenil; narrativas orais

ABSTRACT

This bibliographical and investigative work delves into the significance of folk tales and their various versions. As an oral genre, folk tales are traditional narratives that have permeated human imagination across primitive and contemporary civilizations. They serve as a conduit for our society's knowledge, beliefs, norms, and values. Theoretical foundations from Cascudo (1978; 2000), Góes (1984), and Coelho (2000; 2012), among others; are used to discuss the historical and literary aspects of this oral genre, including its origins, conceptualizations, characteristics, and its relationship with children's literature. The work also presents an experience report from the Gonçalves Dias Teaching Centre, detailing the use of folk tales in reading workshops and the textual production of narratives with the students of this educational institution. Furthermore, it shares the results of the collection of folk tales in the Cohab and Vila Lobão neighborhoods of Caxias-MA. A comparative analysis is made between the tales collected in the Caxias community and those from other sources of oral literature, and the main themes in the oral narratives of the storytellers surveyed are listed.

Keywords: folk tales; children's literature; oral narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ASPECTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO CONTO POPULAR	13
1.1 Origem do conto popular: breves considerações	14
1.2 Conceituação e caracterização do conto popular	17
1.3 O conto popular no âmbito da literatura infantojuvenil.....	19
2 CONTO POPULAR COMO INCENTIVO À LEITURA E À PESQUISA CIENTÍFICA	25
2.1 Relato de experiência com o conto popular no C.E Gonçalves Dias em Caxias-MA	26
2.2 A coleta de contos populares na comunidade caxiense: resultados da pesquisa	29
3 ANÁLISE COMPARATIVA E TEMÁTICA DE NARRATIVAS POPULARES	31
3.1 Narrativas caxienses e outras versões confrontadas	33
3.2 Principais temáticas nos contos de narradores caxienses	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

A monografia aqui apresentada teve como objeto de estudo o conto popular e suas diferentes versões, e é fruto duma bolsa de iniciação científica integrada ao projeto Tecendo Contos Populares Maranhenses aprovado pelo Edital N°040/2015.

O plano de trabalho desenvolvido entres os anos de 2016 e 2018 no Centro de Ensino Gonçalves Dias, escola da rede estadual de ensino em Caxias-MA, intitulado Narrativas Populares: enredando as (muitas) versões dos diferentes contos, teve como foco: a valorização e a divulgação de contos populares no ambiente escolar.

Entretanto, é importante salientar que este trabalho não é pioneiro na cidade de Caxias. Porém, destaca-se por sua importância em contribuir para o reconhecimento dos contos populares pela comunidade escolar ao se julgar que nesse espaço de ensino-aprendizagem eram trabalhados, enfaticamente, apenas a crônica, a notícia, o conto de autor, a HQ etc. A canonização de alguns gêneros literários em sala de aula ou na biblioteca escolar, acaba relegando o conto de procedência oral, apesar dele ser encontrado na modalidade escrita como recontos.

Para título de conhecimento, temos outros trabalhos anteriores acerca do objeto de estudo supracitado e que cabem aqui serem mencionadas, são elas: Tecendo Contos Populares de Narradores Caxienses (Monografia-2013), Festa No Céu e Outros Contos: O Simbólico e o Plurifuncional das Narrativas Populares de Caxias-MA (Dissertação de Mestrado-2018), ambas de Layssa Ingrid da Costa Carneiro¹ e Articulando Pesquisa e Práticas Leitoras de Contos Populares na Educação Básica como forma de Mediação do Prazer de Ler (Proposta de Intervenção-2017), de Ianca Nascimento Silva² e Lucivane Freitas Costa³.

Partindo desta breve explanação, o presente trabalho, de natureza bibliográfica, analítico-qualitativa e de campo, tem como base as seguintes questões norteadoras:

Os contos populares, enquanto produto coletivo do imaginário humano, tendem a desaparecer perante as mudanças sociais geradas pela revolução tecnológica?

¹ Mestrado em Letras/ Campus Caxias-UEMA

² Graduação em Letras/Campus Caxias-UEMA

³ Graduação em Letras/Campus Caxias-UEMA

Quando, onde e como esses contos da sabedoria popular ganharam visibilidade, contribuindo em grande medida para a formação de uma literatura denominada infantojuvenil?

Que práticas pedagógicas, no ambiente escolar, podem ser alcançadas a partir dos contos populares?

A coleta de narrativas orais na comunidade caxiense torna-se exitosa?

É possível perceber similaridades e diferenças ao se confrontar diferentes contos na sua vertente oral e escrita?

Quais temáticas, inerentes à sociedade e/ou condição humana, marcam os enredos dessas narrativas tradicionais?

Em consideração às questões norteadoras deste trabalho monográfico, o seu objetivo geral foi: divulgar os contos populares na comunidade escolar do Centro de Ensino Gonçalves Dias, por considerarem que eles possuem valor cultural, histórico, social e pedagógico.

Enquanto que os objetivos específicos foram: fazer o levantamento de obras literárias no acervo bibliográfico da escola, cujo gênero é o conto popular; realizar a coleta e transcrição dos contos pesquisados na comunidade caxiense; desenvolver oficinas de leitura e produção de narrativas.

A priori, esta monografia está dividida em três (3) capítulos e subsidia-se teoricamente nos seguintes autores: Cascudo (1978; 2000); Maia (2012); Góes (1984); Bedran (2012); Zumthor (1993; 1997); Coelho (2000; 2012); Azevedo (1998; 2007; 2005); dentre outros.

No capítulo 1, é feita uma abordagem histórica e literária do conto popular, além de uma breve discussão sobre sua controversa origem, do seu aspecto conceitual e característico enquanto gênero e da sua correlação com a literatura infantojuvenil.

Já no capítulo 2, aborda-se o conto popular em duas perspectivas: uma de caráter pedagógico e outra científica. A primeira baseia-se em um breve relato de experiência com alunos do Centro Ensino Gonçalves Dias por meio da realização de oficinas de leitura e produção de narrativas; a segunda trata-se dos resultados da coleta, transcrição e classificação de contos populares pesquisados na comunidade caxiense.

Por fim, no terceiro e último capítulo, é feita uma análise comparativa entre algumas versões orais coletadas na comunidade caxiense e versões encontradas como recontos no acervo bibliográfico da referida instituição ou demais fontes de literatura oral

disponíveis; além da verificação das principais temáticas que englobam os contos populares de narradores caxienses.

1 ASPECTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO CONTO POPULAR

Enquanto manifestação cultural e artística de um povo, a arte de contar histórias atravessou milênios e conseguiu romper a implacável barreira espaço-tempo. Mesmo com a mudança das eras, da primitiva à contemporânea, momento atual em que vivemos, a arte de contar histórias segue ainda resistindo frente às mudanças sociais e às novas tendências tecnológicas.

De acordo com Lima (2005) “contar histórias é uma atividade ligada ao veio da nossa vida que o cotidiano recebe, diversifica, acaba e atualiza, articulando-se, no seu mais amplo sentido, ao anseio de imaginação e de encontro que assiste o homem através do tempo e das civilizações.

A existência da civilização humana e das narrativas orais ao longo dos tempos estão intimamente relacionadas. Para Élie Bajard (apud Patrini, 2005) “a origem do homem é marcada pelas histórias contadas, que estabelecem a fronteira com os outros primatas. O *Homo Sapiens* é um primata que conta histórias”.

Essa prática milenar, difundida de gênese a gênese, consolidou-se a partir da palavra na sua vertente oral. É mediante a oralidade que as narrativas populares perpetuam-se na transição das eras, permitindo a veiculação de saberes, crenças, valores e conhecimentos que irão tornar-se uma rica herança cultural e memorialística para as futuras gerações.

À luz disso, podemos afirmar que os contos populares ocupam um lugar de destaque quando nos referimos à contação de histórias. Ao lado dos mitos, fábulas e lendas eles saltam ao longo dos tempos com resiliência e espalham-se vertiginosamente pelos cinco continentes.

Por estarem enraizados na memória coletiva, e afetiva, além de serem revividos pelas práticas do contar, recontar, ler, escrever e ouvir histórias, os contos populares tendem a permanecer vivos no imaginário popular mesmo diante das impostas e inevitáveis mudanças sociais, culturais e tecnológicas.

Portanto, endossa-se que há, nos dias atuais, quem esteja interessado numa boa história. Além do mais, por terem a capacidade de encantar, divertir e entreter crianças, jovens e adultos, os contos populares ainda continuam fazendo parte da vida das

pessoas. Ou seja, estão presentes no seio familiar, no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Hodiernamente, o conto popular talvez esteja entre os gêneros que melhor representam a literatura infantojuvenil. Não simplesmente por razões mercadológicas envolvendo o cenário editorial e cinematográfico, mas pela comunicabilidade que ele estabelece com o público geral. Qual criança, adolescente, jovem ou adulto desconhece ou ainda não ouviu falar de Cinderela, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, O Gato de Botas, Peter Pan e tantos outros contos clássicos adaptados para as páginas de livros e telas de cinema ao redor do mundo?

O fato é que os contos populares continuam, assim como no passado, a alimentar o imaginário, as crenças, as superstições e a forma de enxergar a própria realidade. E por essa razão são parte integrante da identidade cultural de todos os povos, ao passo que vão sendo repassados aos seus descendentes como uma herança possuidora de valor inestimável e inesgotável.

Diante dessas colocações, é possível determinar, ou mesmo apontar, a sua origem? Seu *locus nascendi*? O tópico a seguir abordará essa questão que ainda demonstra uma certa controvérsia até hoje.

1.1 Origem do conto popular: breves considerações

Historicamente, os contos populares ou a prática da contação não seguem uma linha geográfica e cronológica na história da civilização humana. Se o berço de nascimento da humanidade, ou do homem, ainda gera algumas especulações, considerando que não há um consenso definitivo da sua origem num ponto específico do globo terrestre; abre-se caminho para conjecturar que as narrativas tradicionais também não seguem uma ordem espaço-temporal precisa.

Num contexto mais abrangente, uma das possíveis hipóteses que se pode estabelecer a respeito deles é que surgiram de modo progressivo e simultâneo entre localidades totalmente distantes e distintas do nosso planeta. Sobre essa assertiva levantada, Aragão (2020, p.23) cita-nos que:

A origem do Conto Popular perde-se na esteira do tempo, havendo muitas teorias sobre sua origem, entre elas a de que ele tem uma raiz única, tendo surgido em um único ponto e daí difundindo-se progressivamente; outra teoria diz, ao contrário, que ele surgiu simultaneamente em várias regiões do planeta, sem qualquer ponto em comum.

A primeira teoria apontada pela autora sugere que os contos populares não emanaram de um só povo ou tiveram um único *locus nascendi* do qual foram sendo propagadas pelos continentes versões de narrativas primordiais. Assim, quaisquer que sejam as afirmações sobre uma única origem do conto popular num tempo ou local determinados, não passarão apenas de uma mera especulação.

As narrativas orais remontam ao homem primitivo antes dele efetivamente ter desenvolvido a fala e, posteriormente, inventado a escrita. Nas paredes das cavernas as pinturas rupestres simbolizavam um registro primário da arte de contar e que, de certo modo, inaugura a prática da contação de histórias entre os diferentes povos.

Conforme Bedran (2012, p.25):

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. [...]

Enfim, as gravuras desenhadas à mão nas paredes das cavernas exerciam uma função narrativa: contar, mesmo que pictoricamente, sobre os costumes da vida cotidiana dos hominídeos. Isto significa que a narração ou contação de histórias - independente do jeito que queiramos chamá-la - é um ato natural arraigado ao homem pré-histórico no decorrer da sua evolução.

É importante esclarecer que antes do advento da ciência e da tecnologia, as narrativas orais, em especial os mitos, eram utilizadas para tentar explicar a criação do mundo e dos fenômenos naturais (fogo, chuva, trovão, noite, dia etc.) ou sobrenaturais (vida e morte) observados e vivenciados pelo homem quando a língua[gem] e o pensamento crítico-reflexivo de fato efetivaram-se com o processo evolutivo do cérebro humano, garantindo a ele inteligibilidade acerca da sua existência e também do ambiente que o cerca pelo afloramento dos seus sentidos.

Segundo Góes (1984, p.64), “o mundo era, para o homem primitivo, um acúmulo de forças terríveis que em sua ignorância ele não conseguia entender, e para buscar suas causas não contava senão com a ajuda de seu próprio eu”. Ou seja, o homem primitivo valia-se da própria subjetividade no intuito de interpretar os eventos que eram-lhe incompreensíveis.

Oriundos da tradição popular, os contos orais possuem sua gênese histórica nos mitos, pois conforme conta-nos Góes (1984, p. 66):

O processo se fez simplesmente assim: da palavra viva e animada surgiu o mito, e deste nasceu o conto. Problemas como de riqueza, trabalho, poder, estão na base de todos os contos. Isto demonstra que essas histórias não são apenas criação da imaginação, mas nasceram de acontecimentos reais que o povo recolheu e guardou e que mais tarde formaram, na base, a moral das sociedades.

Segundo a autora, os contos populares “eclodiram” dos mitos e começaram a tematizar assuntos concernentes à vida prática. Ou seja, os mitos passaram por uma metamorfose na medida em que o sagrado foi sendo colocado à margem do profano.

Nessa mesma ótica, referente ao nascimento desse gênero oral, Azevedo (2007, p. 1) afirma que:

Parte considerável dos contos populares parece ser originária de mitos arcaicos. Os mitos, como se sabe, são, em princípio, narrativas sagradas relatando fatos que teriam ocorrido num tempo ou mundo anterior ao nosso e que, em geral, tentam explicar a origem e a existência das coisas: como e porque surgiram o mundo, os homens, os costumes, as leis, os animais, os vegetais, os fenômenos da natureza etc.

Quanto ao aspecto de sacralidade que antes caracterizavam os mitos para depois darem surgimento aos contos populares, Azevedo (2007, p. 2) também demonstra conformidade com a ideia defendida por Góes ao falar que:

Em grandes linhas, é possível colocar a questão nos seguintes termos: acredita-se que muitas narrativas míticas, oriundas das mais diversas culturas, teriam sofrido um processo de dessacralização, ou seja, com o passar do tempo, deixaram de ser interpretadas com fé religiosa. Algumas delas, por serem muito bonitas, continuaram a ser contadas e, de boca em boca, sofrendo naturalmente todo tipo de alteração e influência – “quem conta um conto aumenta um ponto” – transformaram-se no que conhecemos hoje como contos populares.

Portanto, não é possível apontar, categoricamente, de qual lugar ou época específica provieram os contos populares. O que podemos afirmar é que, paralelo aos mitos, essas histórias nada mais são do que um artifício do ser humano para expressar a sua cosmovisão, visando imitar o real à sua maneira e permitindo ao homem imaginar as diferentes nuances da vida, da sua própria existência e do mundo que o cerca.

1.2 Conceituação e caracterização do conto popular

Também conhecidos por Histórias de Trancoso ou de Camonge, terminologias adotadas na região Nordeste do Brasil, os contos populares fazem parte das culturas do mundo todo, inserindo-se no que Fernando Luís da Câmara Cascudo denomina de Literatura Oral⁴. Por esta razão, pertencem à categoria de gênero literário, apesar de serem frutos do texto falado.

Entretanto, alguns teóricos e pesquisadores desse gênero, recusam a terminologia “literatura oral” pelo fato do termo “literatura” fazer menção à palavra na sua modalidade escrita. Paul Zumthor (1993; 1997), por exemplo, faz uso da expressão “poesia oral” ou do termo “poética” para distanciar a impressão de “letra” causada pelo uso da palavra “literatura”.

Oriundo da sabedoria vulgar, o conto popular, também é denominado de narrativa folclórica, pois, etimologicamente, a palavra folclore – termo cunhado pelo arqueólogo inglês William John Thoms em 1803 – significa sabedoria do povo ou conhecimento popular.

Conceitualmente, os contos populares são narrativas orais que povoam o imaginário coletivo de uma comunidade e possuem um caráter anônimo e arcaico, pois são histórias sem um autor conhecido e muito antigas no seio popular. Para Câmara Cascudo (2000, p.13):

É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omissos nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.

Segundo Parafita (2005, p. 30) “ninguém é dono e senhor dos contos populares. Por isso cada povo e cada geração contam-nos à sua maneira, às vezes corrigindo e acrescentando um ou outro pormenor no enredo”.

Por esse motivo eles estão numa constante metamorfose, atuando como organismos vivos e nutrindo-se com novos e velhos elementos (morais, sociais, culturais etc.) formadores de sua identidade transitória e vida perene. Dessa forma, vão

⁴ Segundo Câmara Cascudo (apud BEDRAN, 2012, p.51) a denominação literatura oral é de 1881, criada por Sébillot: “*La littérature orale comprend ce qui, pour le peuple qui ne lit, remplace les productions littéraires*” (apud CASCUDO, 1984, p.23).

apresentando diferentes configurações que lhes conferem uma multiplicidade temática potencialmente capaz de dialogar com as temáticas do tempo atual.

Para complementar essa discussão, enquanto “gênero vocal”, os contos populares perpetuam-se nos repertórios orais dos contadores de histórias e ganham novas roupagens (versões) por estarem suscetíveis a um processo vitalício de atualização linguística, discursiva, lexical e semântica da língua.

Ou seja, no momento em que são narrados por diferentes sujeitos que estão situados em lugares distintos, vão sendo incrementados ao seu enredo novos elementos temáticos, formais, estruturais, poéticos, estéticos etc. Assim nasce o famoso ditado popular que define expressamente a ideia acima: “Quem conta um conto aumenta um ponto.”

Em termos de caracterização do conto popular, Azevedo (2007, p.3), elenca cinco características fundamentais:

1) são sempre assumidamente de ficção, ou seja, não pretendem ter acontecido de fato (ao contrário, por exemplo, do “causo” ou da “lenda”); 2) trazem, muitas vezes, a possibilidade do elemento maravilhoso: a existência de forças desconhecidas, feitiços, monstros, encantos, instrumentos mágicos, vozes do além, viagens extraordinárias e amigos ou inimigos sobrenaturais; 3) não costumam ocorrer num tempo determinado (ou histórico), mas – como os mitos – num passado ou numa dimensão anteriores e desconhecidos. Note-se que seu desenvolvimento acontece “certa vez”, “há muito tempo atrás”, “no tempo em que os animais falavam”, “há milhares de anos quando nada existia do que hoje existe” etc.; 4) com suas personagens acontece algo semelhante. Por vezes, nem nome têm: são “o pai e seus três filhos, o mais velho, o do meio e o caçula”, ou “a bela adormecida no bosque”, ou “certo rei muito poderoso pai de uma princesa mais linda do que as flores do campo” e, por último, 5) neles, em geral, a passagem do tempo inexistente. O herói despede-se do pai, viaja pelo mundo, enfrenta perigos e um sem número de aventuras, desobedece uma recomendação, é castigado, foge, liberta a princesa das garras do monstro, retorna, é traído, luta, vence, casa-se com ela e em termos temporais aparentemente nada mudou. Crianças, jovens e velhos começam.

Sobre as personagens, costumeiramente sem um nome, é comum encontrar cavaleiros, donzelas, castelos, reis, rainhas, gigantes, dragões e outras feras etc. Além disso, os aspectos fantástico e maravilhoso são constantemente explorados a partir da existência de entidades, fenômenos sobrenaturais, seres e objetos encantados, bebidas, cálices ou frutas enfeitiçadas, a citar: bruxas, magos e feiticeiras, fadas, duendes e ninfas, portais e florestas mágicas, varinhas de condão e vassouras voadoras, poções e maçãs envenenadas, árvores e animais falantes, feitiços e encantamentos etc.

Quanto ao tempo e ao ambiente, o conto costuma apresentar-se de modo indefinido, pois quase sempre começa com “Era uma vez” ou “Em um reino distante”. A

passagem do tempo transcorre de maneira irregular ou inexistente, já o espaço em que atuam as personagens, muda repentinamente feito uma janela que se abre para uma nova paisagem. Nesse sentido, parece não haver uma lógica ou uma regularidade tempo-espacial da cena no enredo dos contos populares.

Silva (2016) diz que:

O gênero conto tem como características principais sua breve duração e a composição do enredo com poucos personagens. Sendo originado da oralidade, o conto em si tem uma estrutura fechada, diferentemente de outros gêneros e seu enredo é basicamente desenvolvido a partir de uma ação de um ou dois personagens dentro de um determinado espaço, e muitas vezes não é especificado o tempo cronológico a qual se é desenvolvida as ações.

Já para José (2002, p. 5), o conto popular enquanto gênero narrativo, possui as seguintes características:

[...] Tem um número reduzido de personagens e conta apenas uma história, que se passa num curto espaço de tempo e em poucos lugares. Essas personagens podem ser pessoas, bichos ou máquinas e elementos da natureza que adquirem vida. Os contos podem ser românticos, de aventura, de terror. Também há contos psicológicos, que falam mais do interior das personagens, do que elas sentem.

No seu aspecto estrutural, o autor caracteriza-o em um gênero em prosa com tempo mais curto, de poucas personagens e minimização do ambiente onde transcorrem os fatos. As personagens também podem ser pessoas, animais ou elementos da natureza personificados; dentre outros.

1.3 O conto popular no âmbito da literatura infantojuvenil

No âmbito da literatura infantojuvenil, os chamados contos populares apresentam-se com uma variedade de nomes, a citar: contos de fadas ou de encantamento, contos maravilhosos, histórias fantásticas ou ainda contos de boca ou folclóricos etc. Cada nome sugere uma ideia particular: o aspecto surreal ou a relação com a esfera mágica; a proveniência na oralidade; a sabedoria popular; respectivamente.

É imprescindível então explicar que o termo "popular" remete a classe social menos favorecida, não-erudita ou desprovida do conhecimento das letras. Logo, qualquer variedade aqui adotada faz-se necessária usar para referir-se aos contos populares mesmo que ambos tenham as suas particularidades.

Porém, antes de partirmos de fato para a questão central desta monografia, quando fala-se em literatura infantil ou infantojuvenil, a primeira coisa pensada por algumas pessoas adultas, é que são apenas “historinhas de criança” e servem apenas para distraí-las, ou numa visão mais simplista, enganá-las sobre a “verdade” do mundo real. Provavelmente esse tipo de literatura, potente e transformadora, adquiriu esses rótulos por causa da confusão gerada pelo emprego do termo “infantil”.

Entretanto, muitas são as questões de ordem filosófica que essas histórias trazem consigo. Questões pertinentes sobre a vida, os sentimentos e emoções, as vontades e desejos do espírito humano, a compreensão do próprio ser e tantos outros assuntos estão imbricados nas linhas e entrelinhas dos contos infantis.

O que certamente há em alguns adultos é uma falsa impressão, para não dizer preconceito por parte deles, acerca da literatura infantojuvenil. Ao contrário do que pensam, nela reside aspectos de natureza política, social, moral, ética que foram influenciando a sociedade até os dias de hoje, e tentar reduzi-la utilizando o rótulo de “historinhas de ou para criança” é um erro crasso.

Desse modo, estaria o adulto, atualmente, “desencantado” pelos contos infantis? Ou a modernidade da vida gerada pelas invenções tecnológicas, tornou-lhe um sujeito desinteressado por essas fascinantes histórias? A verdade é que esse mesmo adulto, em algum momento da vida, será novamente fígado por elas.

É imprescindível entender que a literatura infantojuvenil não é um mero campo de ficção cujo propósito está, grosseiramente, na ludibriação de crianças por meio da contação de histórias inventadas. O adulto que propõe-se a conhecê-la de fato, percebe nela funções de caráter crítico e reflexivo.

Contudo, de que maneira essas narrativas contribuíram para a formação da literatura infantojuvenil como hoje a conhecemos?

A literatura infantojuvenil começa a delinear-se no século XVII na França quando Charles Perrault faz a publicação, em 1697, da obra *Contos da Mamãe Gansa*, uma coletânea de narrativas por ele coligidas entre a comunidade iletrada francesa. A obra reúne oito contos já muito conhecidos na literatura mundial, a citar: *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*, *O Gato de Botas*, *Henrique do Topete*, *A Bela Adormecida no Bosque*, *O Pequeno Polegar*, *O Barba Azul* e *As Fadas*. Perrault também incluiu nela contos em forma de versos cuja autoria ele credita ao seu filho Pierre Perrault, este dedicando-os à neta de Luís XIV, de nome Infanta. Posteriormente, ele lança

uma segunda publicação, acrescentando nela dois outros contos: *Pele de Asno* e *Desejos Ridículos* (Coelho, 2012, p.27).

Essas narrativas passam então a fazer parte do acervo escolar francês quando o país começa a desenvolver-se economicamente e a crescente urbanização, seguida pela exigência da formação de leitores e escritores para o mercado de trabalho, impõe a criação de instituições de ensino dedicadas à alfabetização de crianças (Aguiar, 2011, p. 7).

Quanto à divulgação e ao registro material dos contos populares, convém-se lembrar que no século XV o alemão Johannes Gutenberg (1400-1468) criou a imprensa, primeiro mecanismo de impressão de textos que revolucionou a sociedade da época.

Para Góes (1984, p.74):

A criação da imprensa por Gutenberg em 1448, com o aparecimento da Bíblia, foi o acontecimento de maior importância para o Renascimento. O livro surgia para assumir seu papel de registro e memória da humanidade, que prossegue mesmo nos dias de hoje.

Tal invento impulsionou a escrita de modo geral e contribuiu para a difusão de contos da sabedoria popular em forma de textos publicados em livros. Todavia, apesar da leitura ter sido uma prática restrita a pequenos e privilegiados grupos sociais, as histórias orais, agora escritas, não impossibilitaram a notoriedade dos contos populares pelas camadas sociais não-letradas.

Apesar do impulsionamento, proporcionado por Charles Perrault quanto à divulgação das histórias orais entre a sociedade francesa erudita da época, não é certo afirmar que a literatura infantil tinha consolidado-se como tal na Europa e em outros continentes. Isto aconteceria tardiamente com a ajuda dos Irmãos Grimm.

Para Coelho (2012, p.29):

Como gênero, a Literatura Infantil nasceu com Charles Perrault. Mas somente cem anos depois, na Alemanha do século XVIII, e a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), ela seria definitivamente constituída e teria sua expansão pela Europa e pelas Américas.

O sentimento ufanista em torno da busca por uma autêntica identidade da língua alemã, fizeram os irmãos dedicarem-se profundamente nas pesquisas e estudos das muitas variantes linguísticas encontradas em narrativas coligidas entre o povo, propiciando a formação clássica da literatura infanto-juvenil.

Para Coelho (2012, p. 29.):

Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.

Tendo sua origem na cultura dos povos ágrafos, os contos tradicionais ganharam visibilidade através desses grandes e consagrados estudiosos, escritores e pesquisadores do gênero narrativo em debate. Porém, é Charles Perrault que unanimemente recebe o título de pai da Literatura Infantil, pois no percurso da sua carreira enquanto advogado, escritor e poeta fez o "resgate" das histórias orais contadas por pessoas sem instrução; publicando no formato de textos o que mais tarde seriam chamados de Contos de Fadas ou Contos Maravilhosos, comuns no folclore mundial.

Necessita-se relatar que, preocupados com a brutalidade descrita nos contos, os Irmãos Grimm adaptaram as narrativas recolhidas em prol do novo público em ascensão: as crianças. Essa sensibilidade em preservar a inocência, ingenuidade e ternura ao ressignificar a dureza retratada nos contos, deu-se também pelo fato das crianças, já na sua mais tenra idade, sofrerem com os dissabores da vida adulta.

Mas o que levou de fato eles tomarem essa atitude foi a pressão da comunidade intelectual de sua época e do pensamento cristão instaurado entre a sociedade alemã.

Coelho (2012, p. 29), corrobora que:

Influenciados pelo ideário cristão que se consolidava na época romântica e cedendo à polêmica levantada por alguns intelectuais, contra a crueldade de certos contos, os Grimm, na segunda edição da coletânea, retiraram episódios de demasiada violência ou maldade, principalmente aqueles que eram praticados contra crianças. O sucesso desses contos abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil.

Com isso, então deduz-se que a partir dessas adaptações surgia, ainda que sutilmente, o conceito de infância, pois as crianças eram vistas apenas como um adulto em miniatura. Baseando-se em Alves, Espíndola e Massuia (2011, p. 99), a concepção de infância veio somente a ser compreendida por:

Phillipe Airès (1981), historiador francês que estudou de forma bastante detalhada o surgimento do sentimento de infância, afirma que foi somente no século XVII que as crianças começaram a ser percebidas como seres com características próprias e não como adultos em miniatura.

Contrariamente aos Irmãos Grimm, Charles Perrault, apesar de ser adepto aos valores cristãos, optou em manter nas narrativas resgatadas, e em algumas de sua autoria, os atos de violência e as angústias sofridas por acreditar que eles faziam parte do cotidiano dos indivíduos; inclusive das crianças. Perrault toma essa atitude por causa de na sua infância ter experienciado a difícil realidade da vida, escolhendo retratá-la nos contos resgatados na tradição popular e naqueles propriamente autorais.

Pessolato e Bronzatto (2014, p. 8) atestam que Perrault:

[...] vivenciou seus relatos, projetou em seus contos sua própria vivência. Muitas de suas histórias são autobiográficas, ou seja, fazem referências de forma direta ou indireta às suas experiências na infância, como em “O Patinho Feio”. Essa é sua marca. Seus contos revelam, com muita ternura, o lado triste e violento da vida.

As crianças, além dos maus tratos sofridos, já eram precocemente preparadas para o trabalho árduo nas lavouras, nos lares da classe burguesa ou em casa com os afazeres domésticos. A diversão, o riso, a fantasia e a imaginação faziam-se pouco presentes no seu dia a dia.

Nesse sentido, as histórias passaram a se tornar para os infantes uma válvula de escape nos momentos oportunos; em outras palavras, quando eles já não mais exerciam suas atividades laborais, era comum deleitarem-se com belas e terríveis histórias. Em contrapartida, a tematização da esperteza enquanto recurso de luta pela sobrevivência e das virtudes (retidão, justiça, generosidade, compaixão, caridade etc) eram vistas como um caminho idealizado à superação das dificuldades do mundo real.

Sendo assim, é possível inferir que em muitas narrativas clássicas, a exemplo de Cinderela, Branca de Neve, João e Maria, João e o Pé de Feijão, A Bela Adormecida, dentre outras, “o sofrimento de muitas personagens traz à criança o entendimento de fatos que ela mesma vive, mostrando, conforme seu desenvolvimento e experiência de vida, o caminho para se chegar a um objetivo maior: a superação” (Guimarães, 2010, p. 106).

É significativo mencionar que a compreensão de que a criança e o adolescente são seres dotados de personalidade, consciência, fragilidades, saberes, gostos e frutífera imaginação, somente ganha ênfase no início do século XIX. Mas, ao lado da visão ainda limitada sobre infância, a escola clássica manteve o seu tradicionalismo, pois o modelo educativo da época não valorizava o aspecto lúdico, estético e artístico claramente imprimido nos contos infantojuvenis. Isso permite-se acreditar que a leitura superficial

dessas narrativas populares tinha as seguintes finalidades: formar leitores passivos, adestrar o pensamento crítico-reflexivo, silenciar vozes.

Essa crença é ainda mais perceptível quando leva-se em consideração que a criança é por natureza um ser questionador, capaz de perceber nas entrelinhas, os significados, sentidos e intenções veiculados pelas narrativas.

Nessa perspectiva, não é difícil notar que a educação tradicional à época tinha um propósito voltado apenas para a formação cívica, moral e religiosa dos sujeitos. Ademais, o ensino da época, mediante a cartilha cívico-escolar, ditava quais os padrões de comportamento social eram aceitáveis, excluindo assim qualquer modelo que colocava a criança e o adolescente como um ser pensante, autônomo e com direitos. Contudo, com a introdução dos livros de literatura infantojuvenil nas bibliotecas, a realidade escolar começa a passar por uma transformação em suas bases educacionais.

O prazer pela leitura de obras infantis entre a sociedade burguesa e a constante publicação de livros que trazem personagens ousados e destemidos, começam a revelar uma criança e um jovem capazes de tomar decisões, fazerem suas próprias escolhas, enfrentarem obstáculos e questionarem os padrões estabelecidos pela sociedade.

A insurgência de escritores com um olhar sensível e acolhedor às pautas da infância - aqui Charles Dickens (1812-1870) merece destaque por seus feitos - foi decisiva no processo de inclusão da literatura infantil no ambiente burguês de ensino. Nesse contexto, o puro didatismo imposto em sala de aula passou a dar espaço à fruição estética, à ludicidade, ao sentimentalismo e ao subjetivismo dos pequenos leitores proporcionados pelo livro infantil.

Anterior a Dickens, Hans Christian Andersen (1805-1875) foi um escritor determinante para a literatura infantojuvenil, sendo ele considerado a voz pioneira no diálogo diretamente com a criança por suas produções literárias. Coelho (2012, p. 31) fala que “Andersen passou à história como a primeira voz autenticamente “romântica” a contar histórias para crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizava.”

Acredita-se, portanto, que os contos populares assumiram um lugar de extrema importância na Literatura Infantojuvenil, quando esses e outros renomados pesquisadores da cultura popular passaram a enxergar nesses contos uma incontestável capacidade de se comunicar com seus múltiplos interlocutores.

2 CONTO POPULAR COMO INCENTIVO À LEITURA E À PESQUISA CIENTÍFICA

A literatura infantojuvenil, com a sua extensa diversidade de narrativas, é sem dúvida reconhecida e aclamada no âmbito da educação ao exercer um papel fundamental: formar crianças e jovens em leitores, e, conseqüentemente, escritores mais proficientes. E por serem representantes ideais para esse campo formativo, os contos populares, notavelmente, facilitam o processo de formação desses sujeitos.

Nesse contexto, os contos populares revelam-se, então, importantes aliados dentro e fora do espaço escolar. Dentro do ambiente educacional, especificamente, eles tornam-se uma indispensável ferramenta de ensino no exercício da prática docente. Ou seja, através deles é possível que o professor consiga fazer a mediação de leitura em sala de aula, a fim de que se alcance as seguintes práticas pedagógicas: estimular o imaginário criativo; desenvolver a comunicação oral; fomentar a leitura; exercitar a escrita de textos; instigar a capacidade interpretativa e discursiva etc.

É crucial mencionar que tais práticas, vistas no tópico seguinte, são percebidas pelas oficinas de leitura e produção de narrativas que foram desenvolvidas junto aos alunos do C. E. Gonçalves Dias.

No campo da pesquisa científica, em que o conto popular é objeto de investigação, o procedimento metodológico para a coleta de narrativas orais está direcionado à captação da voz dos contadores de histórias pela utilização de aparato tecnológico (gravador de voz).

O pesquisador deve utilizar estratégias para coletar os contos populares, com eficácia, sem que o contador sinta-se desconfortável por estar sendo gravado. O objetivo é criar um ambiente propício, no qual o sujeito pesquisado narre ou conte a história oral da maneira mais espontânea possível. A partir daí, o processo de transcrição da narrativa coletada torna-se exitosa para o pesquisador. Adotando-se essa estratégia, foi possível realizar a coleta das narrativas, disponibilizadas nos anexos, em Caxias-MA.

Após a coleta, o pesquisador, ao escutar a gravação, isenta-se de qualquer prejulgamento quanto ao linguajar, marca oral ou dialetal verificado no *corpus* transcrito. O seu papel nesse momento é preservar o vernáculo, ou seja, ele deve-se manter alheio a termos, expressões ou palavras que são característicos da coloquialidade presente no repertório linguístico do contador.

Seguindo esse procedimento de coleta, a análise dos contos coligidos poderá ser aprofundada. Assim, o pesquisador lançará sobre elas um olhar mais científico e aplicará o método analítico que melhor se encaixa com a sua pesquisa, a citar: métodos de análise comparativa, estilístico-estrutural, morfológica, léxico-semântica, discursiva etc.

2.1 Relato de experiência com o conto popular no C.E Gonçalves Dias em Caxias-MA

O C.E. Gonçalves Dias, pertencente à rede estadual do ensino médio, é uma notória escola pública, pois recebe o sobrenome do grande poeta, advogado e romancista brasileiro Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), nascido em Caxias-MA. Essa escola está localizada no centro da cidade, onde foi aplicado o projeto que aqui será relatado.

O funcionamento das atividades educacionais no C. E. Gonçalves Dias, à época do desenvolvimento do projeto, limitava-se apenas ao turno matutino. Conforme o plano de execução, iniciou-se o levantamento das obras de literatura oral no acervo bibliográfico da referida instituição. Convém relatar que a biblioteca era um espaço confortável, pois era equipada com ar-condicionado e tinha uma boa iluminação.

Para o acolhimento de seus visitantes, a biblioteca (foto 1) era mobiliada com um número considerável de mesas e cadeiras. Observou-se, além disso, que ela estava equipada com alguns recursos tecnológicos, como: TV, aparelho de DVD e caixa de som. Tais aparatos revelavam que nela desenvolviam-se outras atividades educativas com os alunos, como assistir a filmes, documentários ou vídeos. Em determinadas ocasiões, observadas pelo bolsista executante do projeto, a biblioteca servia de local para reuniões entre gestores, alunos, pais e professores; apesar da instituição possuir um pátio para eventos dessa natureza.

Foto 1. Biblioteca do C. E. Gonçalves Dias



Fonte: Arquivo pessoal

Sobre o acervo bibliográfico do C.E. Gonçalves Dias, notou-se uma vasta quantidade de obras dos mais variados gêneros, a citar: romance, teatro, histórias em quadrinhos, contos autorais, cordel, poesia etc. Todavia, o foco da pesquisa de campo, centrava-se na busca de livros do gênero conto popular.

Conforme o cronograma de execução previsto no plano do projeto, foram levantadas as seguintes obras, do referido gênero: Contos de Espanto e Alumbramento, de Ricardo Azevedo; Volta ao Mundo dos Contos nas Asas de um Pássaro, de Catherine Gerdrin; Contos Árabes para Jovens de Todos os Lugares, de Maria Soriano Martins; Contos de Encanto e Outros Quebrantos e Histórias Africanas para Contar e Recontar, de Rogério Andrade Barbosa; O Homem que Contava Histórias, de Rosane Pamplona; Mãe D'água, de Tkainã e Laura Bacellar; Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos, de Celso Sisto; Histórias da Velha Totônia, de José Lins do Rêgo; O Violino Cigano e Outros Contos de Mulheres Sábias, recontos de Regina Machado; dentre outras.

Após o levantamento, optou-se em realizar as oficinas e rodas de leitura na biblioteca por considerá-la propícia à interação dos alunos com os livros, uma vez que eles não tinham o hábito de visitar esse ambiente tão essencial para a sua formação leitora. Entretanto, essa escolha não torna a sala de aula um espaço secundário ou substituível, pois conforme afirma Albernaz (2008, p.37), “a biblioteca não substitui a sala de aula, mas entre ambas há uma relação de complementaridade e solidariedade que, desenvolvida, só faz crescer nos alunos e nos professores a intimidade com os livros”.

Inicialmente, o projeto foi apresentado aos discentes por intermédio da exposição de um banner e distribuição de folders (fotos 2) contendo informações dos objetivos, sistemáticas e expectativas. A divulgação tornou o projeto conhecido pela comunidade escolar, familiarizando os alunos à sua finalidade principal.

Foto 2. Apresentação do projeto à comunidade escolar.



Fonte: Arquivo pessoal

No decorrer das oficinas foram distribuídas obras do acervo para que os alunos escolhessem uma narrativa a ser lida em público no intuito de colocar em prática o importante ato de ler. Na ocasião, os contos coletados anteriormente pelo bolsista, nos bairros Cohab e Vila Lobão, foram utilizados durante a aplicação das oficinas por meio impresso. Após a realização das leituras foi proposto a eles a escrita de suas próprias narrativas. De início a produção dos textos (foto 3) mostrou-se lenta, uma vez que eles, por não terem o hábito de ouvir, contar ou mesmo escrever contos sentiram certa dificuldade. A alternativa para facilitar o processo de criação dos textos foi reunir os discentes em pequenos grupos. Essa estratégia gerou resultado mais significativo, pois a coletividade de ideias baseada no ditado “várias cabeças pensando juntas é melhor que uma” contribuiu para a execução da atividade proposta. Na oportunidade, eles tiveram a ideia de ilustrar seus textos.

Foto 3. Oficina de produção de narrativas



Fonte: Arquivo pessoal

É digno de menção que após a criação de seus contos, foi sugerido ao alunado a socialização das suas próprias histórias no final das oficinas (foto 4). Além disso, houve a necessidade em divulgar seus textos para toda a comunidade escolar através de um mural exposto no corredor da instituição (fotos 5).

Fotos 4 e 5. Socialização dos contos e Exposição do Mural do Conto.



Fonte: Arquivo pessoal

Para além das oficinas de leitura e produção de contos realizadas dentro da biblioteca, houve o momento da contação de histórias em eventos culturais organizados pela escola (foto 6).

Foto 6. Momento da contação de história em evento cultural na escola.



Fonte: Arquivo pessoal

Objetivando-se despertar nos discentes o interesse pela pesquisa, recomendou-se a coleta de contos orais junto aos seus familiares. Contudo, essa iniciativa não gerou resultados positivos, pois segundo os seus relatos não encontraram potenciais contadores de histórias no seio familiar. Isso demonstra a importância que há em desenvolver projetos dessa natureza nas escolas ou mesmo fora dela.

2.2 A coleta de contos populares na comunidade caxiense: resultados da pesquisa

A pesquisa dos contos populares concentrou-se nos bairros Cohab e Vila Lobão, ambos localizados a cerca de 3 km de distância do centro da cidade de Caxias e aproximadamente 900 e 500 metros, respectivamente, da BR-316.

As informações sobre o nome, sexo, estado civil, endereço e escolaridade dos pesquisados foram mantidas em sigilo a fim de preservar a sua integridade. Para fazer referência a eles serão indicados apenas as letras iniciais de seus nomes, sobrenomes, idade, bairro e a cidade onde residem; e que estarão, entre parênteses, logo abaixo dos contos anexados neste documento monográfico.

Com a pesquisa, obteve-se dezessete (17) narrativas, a citar: O filho preguiçoso; A Festa no céu; O macaco, a onça e o queijo; A onça e o macaco; O macaco que enganou a onça; A história da cachorrinha; O padre e o sacristão, O bêbo e seu cumpade, A história dos dois cegos, O menino, o jumento e o cachorro; O homem

preguiçoso e o pote de dinheiro; O homem que virou o cão, Histórias das andanças de Jesus, Jesus e São Pedro; A mãe de São Pedro, São Pedro “O teimoso” e Brada Luz.

Para fins de esclarecimento, essas histórias foram classificadas conforme o método de classificação proposto por Cascudo (1978, p. 269). Portanto, elas classificam-se em:

- Contos de Adivinhação (O filho preguiçoso), cujo enredo gira em torno de uma adivinhação e somente a solução do enigma dará vitória ao herói;
- Contos Etiológicos (A Festa no céu), explicam alguma peculiaridade da espécie animal ou vegetal;
- Contos de Animais (O macaco, a onça e o queijo; O macaco que enganou a onça; A onça e o macaco), são narrativas em que os animais agem como seres humanos. Esse tipo de história também é chamada de fábula, que geralmente termina com uma lição de moral;
- Contos de Natureza Denunciante (A história da cachorrinha), em que o ato criminoso é denunciado por ramos, flores, pedras, ossos, animais ou frutos de uma árvore etc.
- Contos de Humor ou Facécias (O padre e o sacristão; O bêbo e seu cumpade; A história dos dois cegos; O menino, o jumento e o cachorro), são narrativas cômicas, histórias simples, porém veiculam normas e condutas;
- Contos de Exemplo (O homem preguiçoso e o pote de dinheiro), apresentam lições para a vida e conselhos do que devemos ou não fazer;
- Contos Religiosos (O homem que virou o cão; Histórias das andanças de Jesus; Jesus e São Pedro; A mãe de São Pedro; São Pedro “O teimoso”) apresentam elementos relacionados à religião;
- Contos de Encantamento (Brada Luz), também conhecido por conto maravilhoso ou conto de fadas, são caracterizados pela presença do elemento sobrenatural.

Importante destacar que a coleta das narrativas somente aconteceu por meio de visita domiciliar previamente programada em horários e dias da semana (sábado ou domingo) em que os contadores estivessem disponíveis para contar suas histórias. Os pesquisados foram quatro (4), representando uma média, aproximadamente, de 5 contos por narrador.

3 ANÁLISE COMPARATIVA E TEMÁTICA DE NARRATIVAS POPULARES

Na Europa do começo do século XX, houve um grande empenho por parte de estudiosos do folclore na busca pela fonte original dos contos populares. O esforço levantado pelos finlandeses Kaarle Krohn e Antti Aarne, principalmente, adveio-se pela descoberta de uma nítida similaridade que muitas narrativas orais, por eles compiladas, apresentavam entre si ao se perceberem uma ocorrência de elementos comuns, chamados de motivos ou elementos típicos da efabulação.

Coelho (2012, p. 114), esclarece que:

Tal descoberta foi feita na Escola Finlandesa Centro de Estudos Folclóricos de Base Histórico-Geográfica, cujos primeiros representantes foram Kaarle Krohn e Antti Aarne (Índice dos Tipos de Contos, 1910). Partindo do princípio de que era impossível determinar uma única região como ponto originário dos contos populares, os novos pesquisadores procuraram conhecer melhor a própria matéria narrativa para, a partir dela, determinar suas origens.

O achado do qual a autora se refere são as variantes e invariantes, sugerindo-nos especular que Krohn e Aarne tinham o propósito de criar uma espécie de árvore genealógica dos contos populares europeus para descobrirem as narrativas que, supostamente, originaram-se daquelas consideradas primárias.

Numa árdua tarefa de pesquisa, no que tange ao levantamento das variantes investigadas em versões de muitos contos integrados nas suas coletâneas e, por conseguinte, uma análise das invariantes percebidas em cada narrativa, Aarne lançou mão do método comparativo e demonstrou um pioneirismo quando propôs-se a classificar as histórias resgatadas em diferentes regiões da Europa.

Ao analisar criteriosamente essas invariantes, foi possível caracterizar e agrupar essas narrativas em três categorias: contos maravilhosos ou de fadas, contos da vida cotidiana e contos de animais (Coelho, 2012, p. 114).

Com essa classificação das narrativas, tendo como base os motivos embrenhados na estrutura dos contos populares, Aarne acabou por influenciar, mais tarde, outros pesquisadores da chamada Literatura Folclórica. Um deles foi o folclorista estadunidense Stith Thompson (1885-1976), que dedicou-se à ampliação dos trabalhos realizados por Aarne ao publicar seu Índice de Motivos da Literatura Folclórica, aproximando também para esse “campo analítico” novos adeptos.

No Brasil, tivemos o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), cuja forma de classificação por ele adotada, teve como referência aquela apresentada por Antti Aarne anos antes.

Nascido em Natal, Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo peregrinou por regiões dentro e fora de sua terra natal para recolher as narrativas orais entre o povo sertanejo. O sucesso da sua pesquisa foi tão grandioso a ponto de termos hoje como herança duas de suas mais consagradas obras: *Contos Tradicionais do Brasil* e *Literatura Oral no Brasil*.

A verdade é que os métodos desenvolvidos não limitaram-se, após o surgimento do Formalismo Russo, cujo maior representante foi o linguista Roman Jakobson (1896-1982), houve a necessidade de ampliar novos horizontes ao estudo do conto popular em outras áreas do conhecimento, como a Linguística e a Poética. Dessa maneira, ele passa a ser objeto de análise numa perspectiva formalista.

De acordo com Coelho (2012, p.115):

As primeiras tentativas de “análise formalista” - a que se concentra nos componentes básicos da estrutura narrativa, deixando de lado o conteúdo, as ideologias - foram feitas pelos jovens universitários Roman Jakobson, Buslaev, Vinokur, entre outros, que, em 1914, fundaram o Círculo Linguístico de Moscou, propondo-se a desenvolver os estudos de Linguística e de Poética.

A proposta analítica de Roman Jakobson centrava-se na narrativa em si; ou seja, apenas na sua própria forma enquanto matéria textual. Assim, eram descartados os aspectos exteriores a ela (autoria, conteúdo, ideologias) dos quais não lhe conferiam literariedade ou, como defendiam os formalistas, uma razão de ser considerado um texto de caráter puramente literário.

Apesar da inovadora metodologia de análise desenvolvida por Jakobson, ela não atendeu ao que de fato se desejava: uma mais sistemática e transparente classificação dos contos populares. Mas é nessa mesma época que o etnólogo e folclorista russo Vladimir Propp (1895-1970) traz em sua obra, intitulada, *Morfologia do Conto Maravilhoso*, de 1928, uma teoria que revolucionaria a maneira de analisar e classificar versões de narrativas orais.

Segundo Coelho (2012, p. 116):

Consciente das limitações dos métodos comparativos até então desenvolvidos, seja os centrados nos temas, motivos e assuntos, seja aqueles focados nas regiões de origem, Propp empenha-se no estudo comparativo não das *dramatis personae* (os diferentes tipos de personagens da efabulação), mas das ações das

personagens e nelas se fundamenta para definir a especialidade do conto popular maravilhoso como gênero. E por essa via tenta chegar à possível explicação histórica de sua uniformidade em todas as regiões do mundo.

Partindo das ações das personagens, ele percebeu uma recorrência de elementos fabulativos que foram denominados de funções constantes, já aqueles não recorrentes ou inéditos, de funções variáveis. A variação entre essas duas categorias de funções, Propp as nomeou de invariantes e variantes.

Para finalizar essa discussão quanto aos métodos citados, o presente trabalho não se propõe a fazer uma análise comparativa exatamente nos mesmos moldes do que esses estudiosos fizeram, uma vez que é possível encontrar uma infinidade de motivos, funções, variantes ou invariantes nas narrativas colhidas e isso implicaria numa extensa abordagem do assunto.

Portanto, no tópico a seguir, o confronto das narrativas caxienses com versões encontradas em obras da biblioteca e/ou outras fontes terá como enfoque aquelas semelhanças e diferenças mais perceptíveis, sejam elas referentes a presença ou não de seres da mesma espécie, os diferentes títulos atribuídos à história pelos seus contadores, as características físicas e psicológicas, as atitudes, os sentimentos ou comportamentos das personagens etc.

3.1 Narrativas caxienses e outras versões confrontadas

O confronto entre versões orais recolhidas de contadores caxienses situados nos bairros Cohab e Vila Lobão e as que integram fontes escritas achadas no acervo bibliográfico do Centro de Ensino Gonçalves Dias e demais obras pesquisadas, permitem analisar similaridades e diferenças em vários aspectos da estrutura narrativa.

Entretanto, devido ao número significativo de contos coletados, serão confrontadas, com suas respectivas versões, apenas as seguintes histórias: A Festa no Céu; O Macaco, a Onça e o Queijo; O Menino, o Jumento e o Cachorro; A História da Cachorrinha e Brada Luz.

Para a escolha dessas cinco narrativas, considerou-se três critérios principais: esperteza das personagens; personificação dos animais ou seres inanimados; presença do sobrenatural, fantástico ou maravilhoso. Nesse caso, é necessário, primeiramente, resumilas e em seguida indicar quais aspectos mais evidentes elas se assemelham ou se distinguem.

Em *A Festa no Céu*, o personagem macaco se vinga do jabuti jogando-o de cima numa árvore, e que, se estatelando no chão, quebra todo o casco. Tal vingança se dá pelo fato do macaco sentir-se injuriado com os questionamentos do camarada pavão a favor do camarada jabuti que desejava, retornar a sua casa, montado nas costas do macaco. É interessante notar que nesse conto ambos os personagens principais, jabuti, macaco e o pavão (ave detentora de asas), são animais terrestres incapazes de voar como os pássaros. Voltando-se para esse detalhe, animal fantásticamente agraciado com o dom de voar, temos a título de exemplificação, o conto intitulado *Forró no céu* encontrado na obra de Azevedo (2005, p.15).

Em *Forró no Céu*, o sapo sofre constantes humilhações dos pássaros por não possuir asas que o levasse a festa no céu, e assim passa a questionar a “natureza” por não lhe ter dado asas. Mas fazendo uso da esperteza, típico dos animais fracos para vencer os animais fortes, ele entra escondido na viola do urubu e consegue ir ao forró. Entretanto, no fim da festa, o sapo, em prantos, precisava voltar para casa. São Pedro então o agracia com um par de asas feitas de cera e o aconselha a ir depressa antes que o sol apareça e derreta suas asas. Não atento ao conselho do santo, o sol derrete suas asas e o pobre sapo se despedaça ao chão. Com pena dele, Nossa Senhora junta os pedaços do seu corpo.

As discrepâncias no quesito das personagens podem ser notadas claramente nos pares opostos, a citar: jabuti \times macaco; sapo \times urubu. No enredo temos: jabuti vai à festa montado nas costas do macaco \times sapo vai ao forró escondido na viola do urubu; jabuti volta para casa nas costas do macaco \times sapo volta para casa com asas de cera; jabuti cai da árvore e quebra o casco \times sapo cai após o sol derreter suas asas de cera e se despedaça.

A Festa no Céu e *Forró no Céu* pertence à categoria de conto etiológico. No entanto, no primeiro conto, o narrador deixa implícito o fato de o jabuti ter o seu casco “rachado”. Enquanto no segundo, as manchas e o andar desengonçado do sapo são explicitados.

O conto *A Festa no Céu* é uma narrativa bastante comum na tradição oral, uma vez que pode ser encontrada facilmente em diferentes localidades. A versão dela se diferencia logo no título e no decorrer do próprio enredo, confirmando a existência de elementos variantes.

No conto *O Macaco, a Onça e o Queijo* ocorre a disputa entre a onça e o macaco. Nesse conto o macaco e onça eram amigos, mas essa amizade termina quando o macaco nega, a todo o momento, um pedaço de queijo à faminta onça que sempre o

implora. O felino resolve ir embora, deixando o macaco desconfiado e pronto para pregar uma peça na onça traiçoeira. Em cima de uma árvore e munido com uma pedra, o macaco fica a espreitar a onça que chega mais uma vez a implorar por um pedaço de queijo. Ele então promete dar a ela parte do seu alimento, porém com uma condição: ela deveria abrir bem a boca e esperar ele jogar dentro dela. Obedecendo ao pedido do macaco, a onça abre a bocarra e recebe uma pedrada, quebrando todos os seus dentes.

A versão desse conto presente na obra *Contos de Bichos do Mato* (Azevedo, 2005, p.7), cujo título é *A Casa do Macaco e da Onça*, mostra que a “amizade” do macaco com a onça aconteceu por acaso. Os dois animais não sabiam que estavam construindo a mesma casa e quando descobriram tal façanha entraram numa discussão que no final não gerou problema algum, pois os dois passaram a morar juntos embaixo do mesmo teto. Porém a convivência entre eles durou pouco tempo, pois enquanto a onça saía para caçar macaco para comer, o macaco saía para caçar onça. Assim eles passaram a desconfiar um do outro. Revoltado, o macaco coloca a casa abaixo, deixando a onça furiosa e com vontade de pegá-lo. O esperto macaco sobe numa árvore para não ser vítima da onça. Lá em cima ele tem um pedaço de queijo e uma pedra que está escondida. A onça muito faminta pede que ele desça da árvore e lhe dê o queijo, mas o macaco não concorda e pede pra ela abrir a boca pra ele jogar o queijo dentro. A onça acolhe a ideia e o macaco saliente quebra os dentes dela lhe dando uma pedrada.

Percebe-se um forte entrelaçamento entre as duas narrativas no que concerne a presença dos mesmos personagens e dos sentimentos por eles colocados em evidência. Porém, o ambiente e os fatos ocorridos ao longo do enredo são os elementos distintivos e/ou peculiares que estão mais nítidos. Nos contos de animais, cujo macaco e a onça são personagens típicos, é comum o animal fraco, no entanto esperto e inteligente, vencer o mais forte.

No conto *O Menino, o Jumento e o Cachorro*, o pai mandou o filho arrancar uma carga de mandioca. Ele então saiu com seu jumento e o cachorro. O menino estava com muita preguiça, porém, começou a cavar, arrancar e jogar a mandioca dentro do jacá. O jumento então falou para o menino que já bastava. Quando o garoto chegou em sua casa e o pai viu que o jacá não estava cheio, perguntou ao filho o motivo, que logo lhe contou da reclamação do jumento. O pai não acreditou no filho e lhe disse que aquilo não passava de uma mentira. O cachorro, ao escutar a conversa, com ar de deboche, perguntou se o pai do menino estava lá para ter certeza do fato. Assustado, o homem pega o cavador para jogar no cachorro. O cavador, misteriosamente, começa a reclamar que o cão irá lhe

morder. O pai então pega o chinelo para bater no filho, mas o menino sai correndo. Enquanto o pai perseguia ele, o chinelo que estava na sua mão gritava para que não fosse largado.

A versão do conto acima está registrada como *Os meninos, o Cavalo e a Cachorra* (Maia, 2012, p. 63) e narra a história de um casal que tinha muitos filhos. O pai, muito preguiçoso, sempre ordenava que os filhos fossem para a roça. Chegando lá os filhos começam a arrancar a mandioca para a carga, mas de repente os meninos se assustaram quando o jumento falou que estava magro e não aguentaria levar tanto peso até a casa dos garotos. Quando eles chegaram em casa, o pai indagou o porquê daquela pouca carga e os filhos explicaram o ocorrido. O pai desacreditou, mas a cachorrinha que andava sempre com as crianças confirmou o fato. O homem, perplexo, pegou o cavador e jogou na cachorra. O cavador, querendo alertá-lo, falou que se fizesse isso a cachorra iria mordê-lo.

Ao se estabelecer um paralelo entre as duas narrativas, pode-se verificar, simultaneamente, uma certa correspondência entre os pares opostos: família composta apenas de pai e filho x casal (pai e mãe) com muitos filhos; filho vai trabalhar na roça com muita preguiça x pai preguiçoso manda os filhos para trabalhar na roça; jumento x cavalo; cachorro (animal macho) x cachorra (animal fêmea).

A História da Cachorrinha, versão coletada, traz a história de Zabel e sua cachorrinha. As duas moravam juntas e a cachorra era uma espécie de protetora. Mas toda noite que o lobisomem aparecia para pegar a menina, a cachorra latia e ele ia embora com medo. Zabel achava que a cachorrinha espantava os homens que batiam na porta da sua casa durante a noite para namorar com ela, assim, atrapalhando seus romances noturnos. Então ela resolve matar a cachorra, porém Zabel se esquece de limpar todo o sangue do animal que estava impregnado na “trempe”. À noite o lobisomem aparece novamente e a cachorra, mesmo depois de morta, misteriosamente, começa a latir e assusta o bicho que logo vai embora. A moça toma a atitude de lavar o local onde tinha matado a cachorra, acreditando na suposta solução do problema. Mais uma vez o bicho vai à casa dela, bate na porta e não escuta o latir da cachorra. Achando ser um homem qualquer, Zabel abre a porta e é surpreendida pela fera. Ela começa a gritar pela cachorra, porém lembra-se que a matou. No entanto, ouvem-se os latidos do animal, pois suas cinzas continuavam no borralho. Com medo o lobisomem sai correndo. E muito arrependida Zabel começa a chorar por ter matado sua protetora.

A versão recolhida por Maia (2012, p. 87) apresenta o mesmo título da narrativa anterior, entretanto traz apenas Sinhá e a cachorrinha como sendo as personagens principais.

Sinhá namorava um rapaz escondido. Mas um dia ela descobre que sua cachorrinha havia descoberto seu segredo. Por ser muito malvada, Sinhá mata a cachorra, queima seu corpo e joga fora suas cinzas. A noite ela ouve a voz do animal cantando. Então a moça fez das suas cinzas sabão para lavar roupa. E toda às vezes que a espuma descia nas águas do rio ela escutava a voz da cachorra.

Paralelamente, as narrativas expõem como elementos similares: a existência de um animal fêmea (a cachorrinha) e sua morte causada pelo próprio dono, o acobertamento de um assassinato, o latir como ato de denúncia do crime executado ou modo de intimidação. Já em relação aos que se contrastam, temos: criatura lendária (lobisomem) x homem comum (rapaz) como suposto parceiro amoroso; *modus operandi* no descarte das cinzas do animal assassinado (jogar no borralho x produzir sabão).

O conto *Brada Luz* trata da história de um pai que tinha duas filhas. Um dia o pai das meninas saiu para pescar num rio e uma delas, Maria, havia pedido a ele que lhe trouxesse vivo o primeiro peixe que pescasse. Assim ele cumpriu e, o peixe, criado num pote até não caber mais, foi levado para o rio. A menina lhe deu o nome de Brada Luz e todos os dias quando ia alimentá-lo, cantava para que o peixe fosse ao seu encontro. Certo dia, Maria viajou, porém deixou sua irmã encarregada de dar comida a ele. Chegando lá ela cantou a mesma canção, Brada Luz apareceu e a irmã de Maria pegou um canivete e o feriu. Quando Maria chegou de viagem foi à procura do seu peixe e ao cantar ouviu uma voz ao longe, pois Brada Luz havia se transformado num príncipe. Ele contou a ela todo o ocorrido e por isso decidiu ir embora para o Reino das Águas Azuis. Maria resolve então procurá-lo no reino desconhecido e durante a viagem perguntava sobre o príncipe-peixe, mas ninguém sabia do seu paradeiro. Porém, as pessoas que cruzavam em seu caminho lhe davam presentes. Uma mulher então lhe presenteou com uns sapatinhos dourados e a levou até uma fonte onde surgiu uma escrava que perguntou se ela não venderia os seus sapatinhos. Ao retornar para o castelo, a escrava disse para sua sinhá sobre o acontecido e mandou chamar Maria até seus aposentos onde preparou um chá de dormideira e pediu para que a menina fosse dormir antes que o príncipe chegasse ao castelo. Quando Brada Luz chegou, Maria já se encontrava dormindo. Porém, ele ouviu o canto da menina. Passadas três noites, Sinhá fez outro chá para que ela bebesse e dormisse. Maria fingiu que tomou e jogou fora. Durante a noite, o príncipe ouviu o canto

novamente da menina e foi até o seu encontro. No dia seguinte, a noiva do príncipe apareceu e ordenou a saída da peregrina de dentro do castelo. Mas Brada Luz ordenou que não. A princesa, desgostosa com a ordem do príncipe, despencou pela janela e quebrou o pescoço. Brada Luz se casou com Maria numa grande festa.

O conto *Brada Luz* se aproxima dos contos de fada, a exemplo de *O príncipe Sapo*, recontado pelos Irmãos Grimm. No conto, o fantástico se torna evidente quando o peixe Brada Luz se transforma em um príncipe. É bastante comum nos contos de fada o príncipe virar sapo ou uma fera em razão de ser amaldiçoado por uma feiticeira ou bruxa. Tal maldição o coloca na expectativa de encontrar uma princesa que lhe dê um beijo e quebre o feitiço. É interessante notar que a personagem Maria quebra o paradigma dos antigos contos clássicos, como Rapunzel, uma vez que ela se apresenta não como uma frágil donzela à espera de seu príncipe encantado. A personagem nos revela um espírito aventureiro e destemido ao tomar a atitude de sair da sua zona de conforto quando decide ir atrás do seu amado. Vale mencionar que o protagonista sempre passa por adversidades em sua jornada e acaba encontrando ajuda inesperada nos momentos de perigo ou dificuldade.

Podemos encontrar a versão desse conto em Carneiro (2013, p.44). Intitulada de *Brasa Luz*, o peixe encantado, a história fala de Mariazinha, filha de um casal de pescadores ribeirinhos muito carinhosos. Mariazinha recebe de presente do pai um peixe, denominado Brasa Luz, por ser da cor de fogo. Semelhante ao enredo anterior, a protagonista enfrenta obstáculos. Contudo, o ritual se cumpre, pois Mariazinha e Brasa Luz se casam e vivem felizes para sempre sob as bênçãos da Lua, do Sol e do Vento.

As diferenças podem ser claramente percebidas do início ao fim entre as duas narrativas. Em *Brada Luz*, Maria tem uma irmã e esta é quem tenta matá-lo. Já em *Brasa Luz* e o peixe encantado, Mariazinha é filha única e se torna órfã de mãe. O seu peixe era um príncipe que foi amaldiçoado e sua madrasta ordena que sua filha o mate. Na primeira narrativa, Maria ganha de presente alguns patinhos dourados de pessoas comuns, enquanto na segunda recebe pratos de ouro, talheres de prata e copos de cristais de seres personificados (Lua, Sol e Vento). O chá de dormideira oferecido pela criada é tomado por Maria na narrativa anterior, já na segunda o príncipe é quem toma a bebida e adormece.

As semelhanças também são vistas nas duas narrativas, como no ato de Maria cantar para o peixe; a tentativa de matá-lo, a metamorfose do peixe que vira príncipe, a

viagem de Maria ao Reino das Águas Azuis; a oferta do chá de dormideira; a morte da princesa malvada, o casamento de Maria/Mariazinha com seu amado etc.

Destarte, à luz do que defende Azevedo (1998), os significados veiculados nos contos analisados conferem desejos, revides, sonhos, que povoam o imaginário de contadores, como representantes de uma coletividade, inscritos no patamar da “ética do conhecimento ou da moral ingênua”. Por isso criança tripudia adulto, plebeia se casa com príncipe, a esperteza vence a força física, animal de menor porte engana maior etc. Ou seja, essas narrativas que hoje são reconhecidas por literatura infantil eram antes reconhecidas como literatura popular, e como tal, passam “[...] determinados valores e padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento” (Coelho, 2000).

3.2 Principais temáticas nos contos de narradores caxienses

Os contos populares revelam uma gama de temáticas, ou temas, que dialogam com o momento atual e a localidade em que são manifestados oralmente, tratando também da condição humana nas suas mais variadas instâncias (sócio-cultural, psico-afetivo, espiritual etc.).

Azevedo (2007, p. 8), assim nos diz:

Através dos contos populares, chamados também de contos de encantamento, de fadas etc., temos a oportunidade de entrar em contato com temas que dizem respeito à condição humana vital e concreta, suas buscas, seus conflitos, seus paradoxos, suas transgressões e suas ambigüidades.

As temáticas abordadas em narrativas orais estão sempre num constante vai e vem. Nesse processo cíclico e duradouro, uns são renovados, enquanto outros persistem independente da passagem do tempo e das velozes transformações que ocorrem no mundo moderno e tecnológico.

Por essa razão, eles mantêm uma relação dialógica com o que já passou e, eventualmente, manterá com aquilo que ainda está por vir. Levando isso em conta, os contos relatados por narradores caxienses exploram uma pluralidade de temáticas e que podem estar introjetadas no enredo de muitas outras histórias do repertório popular, independente do território ou momento histórico, o que nos leva a crer no seu caráter universal.

Considerando essas colocações, os temas principais que marcam os enredos de cada narrativa, seguem-se aqui elencados:

- (a) A vingança (A festa no céu);
- (b) Ócio e realização financeira (O filho preguiçoso; O homem preguiçoso e o pote de dinheiro);
- (c) Esperteza, embate entre o forte e o fraco (O macaco que enganou a onça; A onça e o macaco; O macaco, a onça e o queijo);
- (d) A desobediência humana (São Pedro “O teimoso”; Histórias das andanças de Jesus; Jesus e São Pedro; A mãe de São Pedro);
- (e) Realização financeira e amorosa, embate entre realeza e povo (Brada Luz)
- (f) Os costumes e a religiosidade (O homem que virou o cão);
- (g) A luta pela sobrevivência (O menino, o jumento e cachorro);
- (h) O cotidiano num embate entre o velho e o novo, entre forte e fraco (O padre e o sacristão; O bêbo e seu cumpade; A história dos dois cegos);
- (i) A realização amorosa e a maldade humana (A história da cachorrinha).

É relevante argumentar que, considerando tais temáticas, esses e outros contos orais ou escritos, trazem episódios similares às situações da vida prática, o que permite-nos estabelecer uma conexão entre o real e o ficcional.

Para Azevedo (2007, p.7):

Ao contrário do que se poderia pensar, o fato de serem de ficção e poderem conter aspectos mágicos e de encantamento, nem de longe tira dos contos populares sua extraordinária capacidade de abordar a vida concreta e, mais ainda, de especular sobre ela.

Já no entendimento de Elias José (2002, p.5):

[...] Alguns contos narram histórias que, mesmo não sendo verdadeiras, poderiam muito bem ter acontecido na vida real. Outros se inspiram em histórias verdadeiras para criar situações absurdas, totalmente imaginárias, que nunca poderiam acontecer na realidade. Enfim, há contos de todos os tipos.

Ou seja, mesmo sendo narrativas ficcionais, esses contos apresentam algumas situações passíveis de acontecerem no mundo real. Eles não distanciam-se, substancialmente, da realidade cotidiana a qual vivemos. Em concordância com esses dois autores, Góes (1984, p.105) afirma que “nos contos de fadas, as situações, embora

inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer a você ou a mim.”

Enfim, essas temáticas abrem caminho para discussões que o homem, enquanto sujeito dotado de vícios, virtudes, aspirações, medos etc., experienciam em todas as fases de sua vida. Mediante elas, ele é capaz de se reconhecer nas atitudes, comportamentos, emoções e sentimentos das personagens, sejam elas representadas na figura humana ou animal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios, o homem sentiu a necessidade de expressar suas vivências e experiências através da arte de contar histórias. Essa prática tão antiga, tornou-se um recurso vital e fundamental ao ser humano em detrimento da sua capacidade criativa de ressignificar o mundo tangível a fim de melhor compreendê-lo.

Tendo em vista que os contos populares são manifestações culturais e artísticas dessa prática milenar, outrora repassada de geração a geração pelo uso da palavra oral, acredita-se que, por sua resiliência diante do transcorrer dos tempos e das mudanças ocasionadas pela modernidade, eles continuarão a existir. Além disso, confirma-se que eles ocupam a base de formação da Literatura Infantojuvenil no momento em que seus primeiros pesquisadores, Andersen, Perrault, Irmãos Grimm, tiveram o interesse em coletá-los e divulgá-los como obras de grande valor cultural e literário.

Como gênero, oral ou escrito, o conto popular vai ao encontro do imaginário do leitor porque tangencia a realidade, ainda que sejam narrativas fictícias, cuja importância se mantém por veicular, em suas mais distintas versões, ações relacionadas à existência humana, gerando novas percepções e aprendizados. Com a aplicação metodológica dos contos populares nas oficinas desenvolvidas no C. E. Gonçalves Dias, pode-se atingir práticas pedagógicas importantes para a formação leitora e também cidadã dos discentes. A coleta das narrativas populares na comunidade caxiense mostrou-se significativa, apesar da dificuldade de se encontrar outros potenciais contadores. Ademais, os contos coletados carregam nos seus enredos uma variedade de temáticas mescladas a aspectos fantásticos e maravilhosos.

Ao serem confrontadas, verificou-se que as versões orais do *corpus* da pesquisa e as descobertas em outras fontes escritas estão intertextualmente conectadas. A leitura dos contos populares, em geral, durante as oficinas, contribuíram em boa medida para o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos, mostrando que é necessário trabalhar as obras do próprio acervo, e assim, articular pesquisa e ação, visando à formação de leitores proficientes e produtores de texto. Conclui-se, então, que o trabalho possui uma dimensão para além da pesquisa, isto é, conjuga um caráter extensionista, principalmente, porque divulga o gênero conto popular, comumente relegado aos espaços inativos da escola, e incentiva a contação de histórias e o seu resgate, para manter viva essa tradição que ainda encanta e diverte os indivíduos de todas as faixas etárias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura Literária para crianças brasileiras: das fontes às margens**. In: Renata Junqueira de Souza; Berta Lúcia Tagliari Feba. (Org.). **Leitura Literária na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. 1ªed.Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 97-121.

ALBERNAZ, M.B. **Os sete desafios da biblioteca escolar**. In: Brasil. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Brasília: MEC, 2008.

ALVES, A. E.; ESPÍNDOLA, A. L. MASSUIA, C. S. **Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola?** In: Renata Junqueira de Souza; Berta Lúcia Tagliari Feba. (Org.). **Leitura Literária na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. 1ªed.Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 97-121.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Aspectos léxico-semânticos do conto popular**. Acta Semiótica et Lingvistica, v. 25, p. 21-28, 2020.

AZEVEDO, Ricardo. **Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil**. Dissertação de Mestrado, USP, 1998.

_____. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Releitura (Belo Horizonte), v. 01, p. 31, 2007.

_____. **Contos de Bichos do Mato**. São Paulo: Ática, 2005

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CARNEIRO, L.I.C. **Tecendo contos populares de narradores caxienses**. Monografia-CESC- UEMA, Caxias-MA. 2013.

CASCUDO, L.C. **Contos tradicionais do Brasil**. 8ª. ed. São Paulo: Global, 2000

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria-análise-didática**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2012.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GUIMARÃES, Eleusa Jendiroba. **As formas do medo em literaturas infantil/juvenil de língua portuguesa: da exemplaridade à busca de alternativas para a superação**.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

JOSÉ, Elias. **A Garupa e Outros Contos**. 1.ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2002.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Terceira Margem; Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005.

MAIA, Joseane. **Herança quilombola maranhense: histórias e estórias**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas**. Lisboa: Texto Editores, 2005.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005

PESSOLATO, L.; BRONZATTO, M. **As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 5, p. 1-10, 2014

SILVA, Maria Tamires R., FERNANDES, Maria de S. **Contos Populares: uma proposta de (re)contar histórias como incentivo à leitura**. In: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, Campina Grande, 2016.

ZUMTHOR, Paul et al. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

_____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec/EDUC, 1997.

ANEXOS

O HOMEM PREGUIÇOSO E O POTE DE DINHEIRO

Havia um homem que tinha muita preguiça e sua mulher era quem trabalhava. Um dia ele teve um sonho com uma alma ensinando-lhe onde encontrar um pote de dinheiro.

O homem então contou para sua mulher o que a alma lhe dissera no seu sonho. Mas como ele era muito preguiçoso foi logo dizendo que não iria procurar pelo pote de dinheiro.

A mulher ambiciosa que era, resolveu ir sozinha procurar o tesouro. Ela então o encontra, porém a boca do pote estava cheia de maribondos de carne.

— Eh, miserável! Agora você vai me pagar. Eu vou jogar esse pote em cima de você, já que tem tanta preguiça!

Quando chegou em casa, viu o marido deitado na rede. Ela jogou o pote de dinheiro em direção da rede. O pote bateu na beirada e caiu no chão quebrando-se todo. Porém parte do dinheiro tinha caído dentro da rede.

O homem acordou e mesmo deitado foi juntando o dinheiro. A mulher revoltada com tamanha preguiça do marido, ordenou:

— Levanta, ordinário! Vá pelo menos juntar o restante do dinheiro!

(R.F.S., 77 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O MACACO QUE ENGANOU A ONÇA

A onça queria pegar o macaco, mas ele inventou que iria tirar um bocado de cipó.

— Eita, camarada onça! Tu nem sabe o que é! Vem uma ventania que vai arrancar tudo quando é de pau. E já estou aqui cuidando em tirar esses cipós pra me amarrar.

— É mesmo, é? Perguntou a onça muito assustada.

Esperto, o macaco foi logo dizendo:

— Me ajude aqui, porque senão tu vai na ventania.

Rapidamente a onça começou a tirar os cipós e o macaco já foi pensando num jeito de enganá-la.

— Olha, camarada onça. Eu vou te amarrar primeiro porque tu é mais gorda.

Assim o macaco amarrou a onça numa árvore. Enquanto ele a amarrava, também pedia que ela se mexesse para ver se os nós estavam apertados.

Quando ele terminou de amarrar a onça pegou um cipó e deu uma surra nela.

(R.F.S., 77 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

SÃO PEDRO “O TEIMOSO”

O povo falava que São Pedro era um homem muito teimoso. Um dia Jesus jogou uma laranja dentro de um rio. Ela afundou e depois boiou. Após isso Jesus falou a Pedro:

— Olha, Pedro. É para ser assim. A pessoa morre e vive de novo.

— Não! Não é para ser assim não! É para ser desse jeito... Pedro retrucou.

Ele então pegou uma pedra e jogou dentro do rio. A pedra permaneceu dentro da água e Pedro disse:

— É pra ficar desse jeito!

— É mesmo, Pedro?

Certo dia a mãe de Pedro morreu. Ele então suplicou a Jesus:

— Oh, Senhor! Faz a minha mãe viver!

— Não, Pedro! Isso não vai dá certo!

— Oh, Senhor! Vai buscar ela!

Jesus atendeu ao pedido de Pedro e subiu ao Céu junto com ele. Pedro ficou muito zangado com a demora e resolveu parar na primeira nuvem que viu no caminho. Aborrecido, falou:

— Fica-te aí, porque eu não vou mais te buscar não!

O povo diz que a mãe de São Pedro virou trovão brabo. E toda vez que troveja dizem que é a mãe de São Pedro sacudindo a saia.

(R.F.S., 77 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

BRADA LUZ

Um homem tinha duas filhas e num certo dia saiu para pescar. Uma das filhas disse ao pai:

— Papai, o primeiro peixe que o senhor pegar não mata não. Traga para mim.

— Sim! Respondeu o pai.

O pai então seguiu viagem. Chegando lá tentou várias vezes pegar um peixe. Na última tentativa conseguiu pescar um mandi. De volta para casa trouxe o peixe ainda vivo para filha.

Ao chegar em casa entregou o peixe para filha e falou:

— Olha aí, minha filha! O pedido que você me fez!

Ela então pegou o mandi e o colocou dentro de um pote com água. O peixe não cabia do pote e ela o levou para as águas de um rio. Todos os dias ela ia até o rio e chamava o peixe para alimentar ele. A filha então passou a chama-lo de Brada Luz, e assim:

Brada Luz, Brada Luz!

Vem vê quem te criô!

Vem vê quem te criô!

O peixe sempre respondia o chamado da menina, vinha até ela para comer e depois ia embora.

Certo dia a menina viajou e deixou a irmã encarregada de alimentar seu peixe. Quando ela saiu, a irmã fez comida e foi até ele para alimentar. Chegando lá ela cantou a mesma cantiga da irmã para chamar Brada Luz. Quando ele se aproximou dela e colocou a boca para fora do rio para comer, ela enfiou um canivete no *cangote* do peixe que logo foi embora.

Quando a irmã chegou de viagem foi a procura dele. Ela o chamou e ele respondeu para a menina de muito longe.

Brada Luz já não era mais um peixe, mas sim um príncipe. E assim falou:

— Maria! Eu não venho mais aqui. Vou embora, porque tua irmã me cortou querendo me matar. E agora se você quiser me vê vai me encontrar no reino das águas azuis.

Maria voltou para casa chorando. Lá começou arrumar suas coisas e depois saiu mundo a fora atrás do reino que Brada Luz procurava.

Durante a viagem ela perguntava de casa em casa onde poderia encontrá-lo, porém sempre lhe diziam que não sabiam. Antes de partir ela recebia um presente de cada morador. A derradeira moradora lhe deu alguns patinhos dourados e disse que iria levá-la a um olho d'água de uma fonte.

Lá encontrou uma mulher. Ela era a empregada de uma senhora e estava pegando água para o casamento do príncipe.

Maria ficou na beirada da fonte, pegou os patinhos e os colocou dentro para vê-los brincar. A empregada perguntou para a menina:

— Nêga, quer me vender esses patinhos?

— Eu não empresto, não dou e não vendo! Disse a garota.

Revoltada, a empregada foi até sua senhora e falou:

— Minha Senhora, lá na fonte tem uma nêga com uns patinhos de ouro. Disse que não vende, não empresta e não dá!

— Pois diga a ela vir aqui!

Maria então foi até ela. Senhora então lhe deu um *chá de dormideira* e mandou que a menina fosse dormir antes do príncipe Brada Luz chegar. Quando ele chegou, ela já estava dormindo. O príncipe também foi dormir e durante o sono ouviu a moça cantar, porém não sabia que a menina estava ali por perto.

Três noites se passaram. Senhora mandou fazer outro chá para Maria, mas ela desconfiada fez que tomou e derramou a bebida.

Maria e o príncipe estavam deitados, porém a garota não havia dormido. A jovem então cantou:

Brada Luz, Brada Luz!

Vem vê quem te criou!

Vem vê quem te criou!

O príncipe ouviu o canto, foi até ela e a chamou:

— Maria! Tu veio, Maria?

— Eu vim! Ela respondeu.

No outro dia a noiva do príncipe Brada Luz chegou e disse:

— Princesa dentro, peregrina fora!

— Peregrina dentro, princesa fora! Retrucou o príncipe.

Ao ouvir Brada Luz falar isso, a princesa despencou do alto do palácio, caiu, quebrou o pescoço e morreu. O príncipe se casou com Maria e fez uma grande festa para celebrar o casamento.

(D.S, 92 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O HOMEM QUE VIROU O CÃO

Um homem tinha uma fazenda muito grande e com muito gado. O cavalo e o cachorro dele eram brancos. O gibão que ele vestia era avermelhado.

Certo dia o birrou com o boi e o boi também birrou com ele. Numa quinta-feira santa ele chamou seus empregados e disse:

— Vocês estão dispensados amanhã!

— Mas patrão, não é pra pegar o boi do fulano de tal pra matar no sábado de aleluia?

— É! Mas deixa que eu vou cuidar dele. Nem Deus do céu me impede.

Na sexta-feira quando o homem terminou de almoçar a mulher dele perguntou se ele não queria jejuar, mas o homem disse que não iria e falou que nem Deus iria impedir dele pegar aquele boi.

Quando terminaram de almoçar nas doze horas da sexta-feira, todo mundo fez sua penitência. O homem então arriou seu cavalo, chamou o cachorro e foi para o campo atrás do boi. Lá ele desapareceu e sua família achou que estava morto.

No ano seguinte e na mesma hora que o homem saiu de casa, ele passou correndo atrás do boi. O cavalo dele já estava preto, o cachorro preto e sua couraça preta.

Quando o homem ia passando, a mulher deu fé dele e viu que ele estava com chifre e rabo, pois já tinha virado o Cão.

(C.S.S., 64 anos, Bairro Vila Lobão, Caxias-MA)

HISTÓRIAS DAS ANDANÇAS DE JESUS

Jesus andava mais Pedro. Quando eles chegaram na beira de um rio viram um homem se afogando com a água no pescoço e gritando:

— Me dá água pelo amor de Deus! Me dá água pelo amor de Deus!

Jesus então disse:

— Pedro! Vai dá água para aquele homem.

— Jesus! Eu vou afogar ele, porque ele está dentro d'água. O que custa ele baixar o pescoço para beber?

— Pedro! É porque ele não tem disposição. Pega a água com sua mão e põe na boca dele.

Pedro obedeceu a Jesus e colocou água na boca do homem. Assim eles seguiram viagem e mais adiante havia uma mulher com uma enxada nas costas capinando uma roça. Ela era uma moça jovem e bonita.

Jesus chamou a atenção de Pedro e falou:

— Pedro! Lembra daquele homem lá atrás que estava morrendo afogado e pedindo água para beber?

— Sim, Senhor!

— Pois ele vai se casar com essa mulher aí.

— Não, senhor! Não faça uma coisa dessa não, senhor! Pelo amor de Deus não faça uma coisa dessa! Aquele homem merece é morrer, porque não tinha coragem de baixar para beber a água na altura do queixo, senhor! E essa mulherzinha que trabalha sozinha vai sustentar aquele homem?

— Pois é! Ele vai casar com ela. Respondeu Jesus.

— Pois o senhor está fazendo tudo ao contrário, porque se fosse eu botava ela pra casar com um príncipe que tivesse coragem de trabalhar. E quanto a esse homem eu faria a água subir, subir, subir até matar ele.

Jesus e Pedro foram em frente e viram um homem ajoelhado em cima da bíblia e orando:

— Senhor, meu Deus! Agradeço por tudo, pela vida, pela saúde, pela família, pela casa, pelo alimento, agradeço por tudo!

Ao ver o homem se prostrar, Pedro disse a Jesus:

— Oh, senhor! Esse aí está salvo, não está?

— Pedro! Nem sempre ele fala em nome de Deus pra tá com o coração puro.

Adiante eles encontraram um vaqueiro batendo no cavalo, correndo e xingando a vaca de todo nome feio. Pedro, perplexo, falou:

— Senhor! Esse aí vai diretamente para o inferno.

— Pedro! Quer saber de uma coisa...? Esse daí que vai xingando, esculhambando desse jeito... tá com o coração mais puro do que aquele que tava orando ajoelhado.

— Por que, Senhor?

— Porque você viu como era que ele tava ajoelhado?

— Não, Senhor! Não prestei atenção!

— Pois ele tava ajoelhado era em cima da bíblia pra não sujar os joelhos no chão. E esse aí tá todo sujo, xingando desse jeito... O coração dele tá purin, purin... O coração dele tá puro, porque tá xingando da boca pra fora. Não é o xingamento dele que vai levar ele pro inferno não. O coração daquele que estava orando está mais sujo do que as palavras que saiam da boca desse aqui.

(C.S.S., 64 anos, Bairro Vila Lobão, Caxias-MA)

JESUS E SÃO PEDRO

Andava Jesus com Pedro na beira de um rio e encontraram um moço com a água no gogó. O homem estava se afogando e gritava:

— Me dá água, gente! Me dá água, gente!

Jesus então disse para Pedro:

— Pedro! Vá dá água àquele homem!

— Senhor! O homem com a água no gogó... Só ele baixar o queixo na água pra beber.

— Pedro! Tem muita gente que não tem disposição de fazer o que você tá falando aí. Vá lá, pegue a água com sua mão, coloque na boca e deixe que beba pra saciar sua sede.

— Eu devia era afogar ele logo!

Pedro pegou a água com sua mão e colocou na boca do homem. Ele bebeu, saciou a sede e Jesus passou com Pedro. Mais na frente havia uma mocinha campiana botando e tirando o gado do pasto.

— Pedro! Lembra daquele homem lá do meio do rio que estava pedindo água?

— Lembro, Senhor!

— Pois ele vai casar com essa moça bem aí.

— Senhor... Não faça isso, Senhor! Aquele merecia era morrer afogado logo. O rio encher, encher até matar ele afogado. Ela aí só vai passar dificuldade com ele, porque não disposição para trabalhar e ajudar ela.

— Mas as coisas são feitas assim. Vamos fazer assim. Ela vai casar com ele.

— É, Jesus...! Se o Senhor quer assim... vamos fazer o casamento.

Fizeram então o casamento do preguiçoso com a trabalhadora. E assim eles foram felizes.

Passaram Jesus e Pedro. Lá na frente tinha um homem ajoelhado em cima duma bíblia, orando, pedindo e agradecendo:

— Oh, Senhor! Obrigado, Senhor! Pelo alimento, pela vida, pelo Sol, pela Lua, pelo dia, pela noite... Obrigado, Senhor!

Pedro olhou e disse:

— Jesus! Aquele homem ali tá salvo, não tá?

— Pedro! Nem tudo que parece é!

Eles passaram e lá mais na frente encontraram com outro campiano, correndo atrás dos gados e gritando:

— Vaca da “disga”! Vaca da “misa”!. Infeliz! Volta pro caminho!

Pedro olhou e disse:

— Jesus! Aquele ali tá queimando no fogo dos infernos.

— Pedro! Nem tudo que parece é!

— Por que, Jesus?

— Não viu aquele do passado? Você viu onde ele tava ajoelhado?

— Não, Senhor!

— Pois ele tava ajoelhado era em cima da bíblia fechada. Ele não tem salvação, porque tava orando em cima da bíblia fechada e clamando o nome de Deus. Ele tem o coração mais sujo do que as palavras que saiam da boca do vaqueiro. Esse vaqueiro tava xingando desse tanto, mas o coração dele tá mais limpo do que as palavras que tavam saindo da boca do outro que orava. Nem tudo que parece é!

(R.F.S, 77 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

A MÃE DE SÃO PEDRO

Andavam Jesus e Pedro quando chegaram perto dum rio. Jesus pegou uma laranja e jogou dentro. A laranja foi, foi, foi e voltou. Jesus então falou:

— Olha, Pedro! A vida e a morte. Há de ficar assim... Morre, enterra e volta.

— Senhor! Não pode ser assim não, Senhor! Não pode ser assim! Se for pra ficar assim... Onde é que vão botar tanta gente?

Pedro pegou uma pedra, jogou e disse:

— É pra ser assim!

— É, Pedro? Se tu quer assim, então seja! Respondeu Jesus.

Jesus e Pedro passaram, chegaram na casa de Pedro e viram que a mãe dele tinha morrido. Ele se desesperou e pediu:

— Oh, Senhor! Volte minha mãe, Senhor! Volte minha mãe, Senhor!

— Pedro! Eu não posso voltar a sua mãe porque lá no passado eu lhe disse como era pra ser a vida e a morte. E você disse o contrário... Você queria que fosse daquele jeito, pois ficou daquele jeito. Agora a única coisa que a gente pode fazer é colocar a sua mãe como som do trovão. No dia que tiver mansa, ela fala com vocês assim... Tum-tum-tum! E no dia que ela tiver brava, ela fala com vocês assim... Dáááá...!

E assim fez Jesus. Deixou a mãe de Pedro como trovão.

(C.S.S., 64 anos, Bairro Vila Lobão, Caxias-MA)

O MENINO, O JUMENTO E O CACHORRO

O homem falou para o filho dele arrancar uma carga de mandioca. O filho saiu com o jumento e o cachorro. Quando chegou lá cheio de preguiça começou a cavar, arrancar e a jogar a mandioca dentro do jacá. Ele colou apenas um pouco de mandioca, mas o jumento disse:

— Já chega!

Quando o garoto chegou em casa o pai perguntou:

— Meu filho! Tu só arrancou essa mandioca?

— Foi meu pai!

— Por quê?

— Porque o jumento olhou e disse que já bastava de carga e que não aguentava levar o jacá cheio.

O pai não acreditou na história dele e falou:

— É mentira! Jumento não fala.

O cachorro saltou de lá pra cá e disse:

— Você tava lá pra vê?

O velho pegou o cavador pra jogar no cachorro. Mas o cavador saltou da mão dele e disse:

— Não faz esse diabo me morder!

Então o pai pega o chinelo pra bater no menino que sai correndo. E o chinelo vai dizendo:

— Não me larga, não me larga, não me larga!

(C.S.S., 64 anos, Bairro Vila Lobão, Caxias-MA)

A ONÇA E O MACACO

A onça e o macaco se juntaram. O macaco disse assim:

— Camarada onça! Vamos fazer uma casa para nós dois?

— Vamos.

— Mas você me ajuda?

— Ajudo.

A onça tinha uma filha e o macaco era solteiro. Eles então fizeram uma a casa e foram morar juntos. Mas um dia veio uma seca e eles passaram fome.

— Camarada onça tu vai caçar.

— Camarada macaco eu não acredito!

— Não... Tu vai caçar e eu fico olhando tua filha. Amanhã eu vou e tu fica.

— Pois tá bom!

A onça foi andou, andou, andou e não achou nada. Ela voltou pra casa e disse:

— Camarada macaco! Não achei nada não.

O macaco ficou desconfiado, bolou um plano e pensou:

— Eu vou mandar ela ir de novo. Aí eu mato a filha dela, faço dela comida e quando ela chegar vai ter comida.

Assim fez o macaco. Quando a onça voltou pra casa, ele perguntou:

— Camarada onça tu já foi na roça?

— Não!

— Ahhh! Pois lá tem uns porcos que gosta de comer mandioca. Quem sabe tu não pega um.

— É mesmo, camarada macaco? Pois eu vou!

Quando ela saiu, o macaco pegou a onça nova, matou, preparou e botou no fogo. À noite a onça chegou e lhe disse:

— Camarada macaco não achei nada não!

— Ahhh! Pois eu achei uma caça ali que tá uma delícia.

Eles então foram comer. Comeram, comeram, comeram e a onça nem lembrou da filha. Quando terminaram de comer e já estavam de bucho cheio, a onça falou:

— Camarada macaco bora deitar?

— Não! Não vou dormir agora não.

A onça lembrou da filha e foi lá onde ela. Chegou lá não encontrou a oncinha. Quando ela volta pro quarto, o macaco pula pela janela. A onça, muito zangada, pergunta:

— Macaco, cadê minha filha?

— Eu não sei. Ela não tá dormindo não?

— Não, não tá não. Camarada macaco tu matou minha filha!

— Eu não!

A onça partiu pra cima do macaco, mas ele correu e pulou num galho de pau.

— Eu vou te pegar e vou te matar! disse a onça.

A onça então se enterrou no chão e ficou com a boca aberta e os dentes de fora. O macaco aparece satisfeito, vê aquilo estranho no chão, pula bem longe e diz:

— Vixe Maria! Nunca vi chão com dente.

O macaco pega uma pedra e joga nos dentes da onça, que grita:

— Ai, camarada macaco! Por que tu fez isso?

— Ahhh! Eu sabia que tu queria me pegar. Mas tu não vai me pegar não!

O macaco subiu num pau e a onça foi embora pra casa doente e com fome. O macaco foi até lá, bateu na porta e chamou:

— Camarada onça!

— Oh, camarada macaco! Eu tô doente. Ela respondeu.

— O que foi camarada onça?

— Oh, camarada macaco! Eu tô doente. Me ajuda.

— E o que é que você quer?

— Eu tô com fome, tô com sede e não tenho nada pra comer e beber.

— Você quer que eu vá aí perto da senhora?

— Oh, camarada macaco! Venha!

— Vou nada! Vou de jeito nenhum. Tu quer é me pegar!

— Não vou não camarada macaco. Eu tô com muita saudade da minha filha.

— É...? Tá certo! Eu também tô. E não sei pra onde ela sumiu. Mas eu vi uma oncinha acolá e parece que era ela. Se tu quiser eu vou buscar.

— Vai camarada macaco! Onde é?

Ele explicou tudo direitinho pra onça e foi. Chegando lá viu algo se mexendo de trás de uma moita. O macaco foi devagarinho, devagarinho... Quando ele chegou perto da moita a onça saltou. Ele deu um pulo e disse:

— Ah, camarada onça... É você, né? É assim que tu quer que eu procure tua filha? Tu sabe aquela comida que nós comemos? Era tua filha... E agora tu nunca mais vai ver ela.

(O.F.S., 64 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O PADRE E O SACRISTÃO

O padre saiu com o sacristão para o interior para realizar uma desobriga. No caminho eles estavam com muita fome. Mas logo adiante, no meio da estrada, apareceu um menino com uma pequena bacia na cabeça. Ele levava dentro dela comida para o seu pai, que estava na roça.

O padre, curioso em saber o que tinha dentro daquela bacia, perguntou:

– Ei, menino! O que você leva aí nessa bacia?

– Olha o besta! Se fosse para todo mundo ver ía descoberta. Retrucou o menino.

O sacristão, surpreso com a resposta do garoto, disse ao padre:

– Olha aí, padre! Que menino sabido!

– Ei, meu filho! Quem é teu pai? Perguntou o sacristão.

O garoto, prontamente, disse:

– Olha o outro égua me chamando de meu filho e perguntando pelo meu pai!

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O MACACO, A ONÇA E O QUEIJO

O macaco era amigo da onça. Mas um dia a onça com muita fome quis pegar ele. O macaco havia roubado um pedaço de queijo e subiu no alto de uma árvore. Chegou ao topo comendo e comendo o queijo. Mas avistando o macaco lá em cima, ela, muito faminta, perguntou:

– Ei, camarada macaco! O que você está comendo aí em cima?

Ele simplesmente respondeu:

– É queijo! Era um enorme pedaço de queijo.

A onça então resolveu pedir ao macaco um pedaço do seu queijo.

– Ei, camarada macaco! Me dá um pedacinho...

O macaco, que era sovina, disse o seguinte:

– Não dou! Eu vou comer o meu queijo sozinho.

A onça viu que o macaco falava sério e foi embora com fome. No dia seguinte o macaco foi num riacho e lá havia um “lajerão”. Ele pegou uma enorme pedra alvinha no momento em que a onça vinha em sua direção. Ao se aproximar, ela implorou, dizendo:

– Oh! Camarada macaco. Eu não achei nada. Me dá um pedaço desse queijo.

– Eu te darei todinho se tu abrir a boca e ficar esperando eu jogar dentro dela.

Falou o esperto macaco.

Enganada, a onça concordou dizendo:

– Eu fico!

– Fica mesmo? Indagou o macaco.

– Fico! Repetiu a onça.

– Pois fica aí!

A onça abriu a boca e o macaco jogou uma pedra bem aprumadinha. Pááá! Quebrou todos os dentes dela. Então o macaco correu e foi embora.

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

A FESTA NO CÉU

Disseram que iria ter uma festa no céu para a bicharada. O camarada jabuti foi logo perguntando:

– Cuma é que eu vou? Eu num voo, eu num corro, num tem como eu ir...

O camarada macaco, saliente, disse:

– Não, camarada jabuti! Se tu quiser ir eu te levo.

Animado, o jabuti perguntou:

– Tu me leva, camarada?

– Levo, levo sim! Respondeu o amigo.

Esperto, o macaco já foi logo arrumando um jeito de levá-lo.

– Cuma é? Você amunta nas minhas costas e nós cai no mundo.

– Pois tá certo! Eu vou contigo. Concordou o camarada jabuti.

Então os dois foram para a festa no céu e lá passaram a noite. Quando deu seis horas da manhã, o macaco falou para o jabuti:

– Camarada jabuti eu já vou mimbora!

– Oh, camarada macaco! Me leva! Suplicou ele.

– Rummm! Agora eu não vou te levar não.

– Oh, camarada! Me leva! Cuma é que eu vou?

– Rummm! Vou levar não!

Muito preocupado, o camarada jabuti foi falar com o camarada pavão.

– Oh, camarada pavão! Me leva que eu num posso. Num sei cuma é que eu vou.

O camarada macaco me trouxe, mas num quer me levar. E agora?

– Rummm! Também fez o pavão.

Mas para ajudar o jabuti ele foi falar com o camarada macaco:

– Ei, camarada macaco! Leva o camarada jabuti. Tu num trouxe? Tu tem o direito de levar.

– É...? Pois tá bom! Vou levar.

O macaco então disse para o jabuti montar nas suas costas. E assim foram pulando, pulando, pulando até que chegaram num pau bem alto. Mas com ar de vingança, ele falou:

– Tu vai descer sozinho.

– Mas cuma é que eu desço camarada macaco? Tu tem que me botar lá no chão.

– Pois eu vou te botar. Desce aí das minhas costas.

O jabuti obedeceu. E com ar de maldade o camarada macaco disse:

– Ó, eu vou te botar lá no chão.

O macaco então jogou o pobre jabuti da árvore mais alta que tinha. E ele desceu gritando:

– Arreda-te pau e pedra que lá vou eu!

Ele bateu bem em cima numa pedra e quebrou todo o casco, ficando só os pedacinhos.

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

A HISTÓRIA DOS DOIS CEGOS

Estavam dois cegos numa esquina tocando para ganhar esmola. Passava um, passava outro, dava um centavo, dava dez. Dinheiro naquele tempo era mixaria. Dez contos naquela época era dez milhões hoje. Aí chegou um homem rico e disse assim para um dos cegos:

– Ei, cego! Vou botar aqui dez contos. Cinco para cada um.

– Tá bom! Respondeu o cego.

O homem rico então bateu na vasilha, mas não botou nada. Saiu e ficou acolá olhando os dois. Mais tarde os dois cegos terminaram de cantar e um deles pegou a cuia que se colocavam as esmolas, passou a mão, e não encontrando nada, perguntou para o outro cego:

– Ei, fulano! Tu já apanhou o dinheiro?

– Nããã... Eu num apanhei não.

Desconfiado do companheiro, ele disse:

– Foi tu que apanhou.

– Num foi. O outro revidou.

Assim começaram uma discussão. Um discutia para um rumo, o outro discutia para o outro. E aí o homem rico de lá gritou:

– De faca não, cego malvado!

O cego pulava para todo canto sem saber para onde era que o fulano estava. O homem rico veio de lá morrendo de rir e disse:

– Nããã...! Eu num botei nada não.

Então o homem rico que queria apenas fazer a brincadeira com os dois cegos pegou do seu bolso dez contos, dividiu cinco para um, cinco para o outro e deu na mão deles.

(O.F.S, 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

A HISTÓRIA DA CACHORRINHA

Zabel criava uma cachorrinha e morava sozinha com ela. Toda noite vinha um lobi, um virado de gente. Ele vinha para pegar Zabel. Mas a cachorrinha latia, latia e ele corria.

Certo dia, ela disse:

– Os homi vem pra cá pra onde eu e essa cachorra ordinária vai e bota os homi pra correr. Eu vou te matar.

Zabel então matou a cachorrinha. Mas ficou um pingo de sangue na trempi.

Quando anoiteceu o lobisomem veio novamente para tentar pegá-la. Mais uma vez a cachorrinha latiu, latiu, latiu, latiu. Zangada, Zabel falou:

– Pois essa peste ainda hoje não deixa o homi vim!

No dia seguinte ela raspou o sangue bem raspado, lavou bem lavado e disse:

– Hoje eu duvido.

Quando chegou a noite o lobi novamente apareceu para pegar ela. Chegando lá ele bateu, esperou e não viu ninguém. Não latiu, não mexeu. Então ele bateu na porta. Zabel ao levantar para abrir a porta, concluiu:

– Ah, o fulano chegou!

Quando ela abriu a porta ele a pegou. Zabel gritou pela cachorrinha, mas só havia as cinzas dela no borrarho. Mesmo assim começou a latir. O lobisomem então a soltou e foi embora correndo. Ela se arrependeu e começou a chorar porque tinha matado a cachorrinha dela.

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O BÊBO E SEU CUMPADE

O bêbo convidou seu cumpade para beber num dia de domingo.

– Ei, cumpade! Umbora ali tomar uma pinga?

– Cumpadi eu num tem dinheiro. Meu dinheiro tá pouco.

– Rapaz umbora! Insistiu o bêbo.

Os dois foram para um butiquim e começaram a beber. Bebida vai, bebida vem, mais tarde ficaram bêbados. Então o bêbo falou:

– Cumpade, vamo imbora?

– Vamo! O outro concordou.

Eles saíram. E lá adiante tinha um cego pedindo esmola.

– Cumpadi, vamo dá uma esmola a esse cego?

– Vamo!

Os dois tiraram o dinheiro do bolso e deram ao cego, dizendo:

– Aqui cego pra tu. Tu num trabalha, num enxerga, tá morto de prigiça. Pois tá aí o dinheiro pra tu.

– Brigado, filho de Deus! Vá com Deus! Agradeceu o cego.

Mal agradecido, o bêbo falou:

– Nããã... Eu vou é sozinho. Eu num preciso dele. Eu vou é só. Lá em casa já tem um bocado de gente. Vou levar mais um?

Ao sair levou uma topada foi caindo e virou para trás, resmungando:

– Nããã... Se quiser ir mais eu vai cuma gente. Mas me empurrando não!

Eles seguiram e adiante o bêbo disse assim:

– Agora, cumpadi! Tu vai por aí que eu vou por aqui.

– Tá bom! Tu num quer ir mais eu. Vai te imbora tua viagem que eu vou a minha.

Mais na frente tinham dois policiais e o bêbo foi falar com eles. Um dos policiais disse ao companheiro:

– Que bêbo mais abusado. Rumbora prender esse cara? Sugeriu ainda.

Mas logo o outro desaprovou a ideia, dizendo:

– Ah, rapaz! Isso aí vai pra casa. Deixa ele ir pra casa.

O bêbado, com ousadia, bateu no bolso e falou:

– É...! Eu tem dinheiro! Eu tem dinheiro até pra comprar Getúlio Vargas.

Desacatado, o policial disse:

– Umbora prender esse vagabundo e botar ele na cadeia!

Eles prenderam o bêbado e saíram com ele nos empurrão.

Lá adiante topa com o outro bêbado, que perguntou assim:

– É cumpadi! O que foi que tu viu que já vai mais os homi de moto?

– Não, cumpadi! É porque eu fui dizer pra eles que eu tinha dinheiro pra comprar até o Getúlio Vargas. Aí eles me prenderam pra botar na carceragem, explicou.

O amigo então disse assim:

– Bem pregado pra tu, vagabundo. Tu tem dinheiro pra comprar toda porcaria.

Os policiais olharam um para o outro e um deles falou:

– Rapaz esse foi pior. Solta essas peste, manda eles ir imbora.

Eles, contentes, foram embora.

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)

O FILHO PRIGUIÇOSO

Uma mulher tinha um filho priguiçoso que nunca tinha saído de casa pra lugar nenhum e que só vivia na sina. Um dia a mãe dele disse assim:

– Meu filho vai trabaiá meu filho! Sai de casa meu filho.

– Mas num tem pra onde eu ir!

– Vai trabaiá meu filho. Repetiu a mãe

– Eu vou me casar cum a princesa. Respondeu ele.

– Que princesa meu filho? Tu num vai achar nem uma cachorra pra casar morto de prigiça desse jeito.

– Rapaz... Hoje eu me caso cum a princesa.

A princesa era filha do rei. Lá tinha um propósito. O homem que dissesse uma adivinhação e ela não adivinhasse, ela se casava com ele.

No outro dia, pela manhã, ele levantou, apanhou um facão véi com dente que nunca mais tinha sido amolado e saiu. Ele nunca saiu pra lugar nenhum. Quando ele foi saindo de casa topou logo no batente. Quando ele pulou o batente pro lado de fora tinha uma cobra cascavel. Aí o homem priguiçoso foi e matou a cobra com o facão véi e disse:

Topei no que nunca tinha topado

Matei o ruim com o pió

O homem priguiçoso queria falar com a princesa e se tacou no meio do mundo. Chegou lá tinha uma roça. Era uma maravilha de arroz, milho e feijão. Ele olhou lá no meio da roça, viu um boi e falou:

– Eita diabo! Tá comendo a roça.

Ele foi com jeito, com jeito. Tirou o boi, botou pra fora, fechou o buraco e disse:

Topei no eu nunca topei

Matei o ruim com o pió

E tirei o bom do mió

Então o homem priguiçoso foi embora. Chegou lá na frente tinha um pé de coco. Meio dia ele foi descansar sentado no chão do lado do pé de coco e cochilou. O homem priguiçoso sonhou que tinha uma butija enterrada no pé do coqueiro com dinheiro dentro. Ele acordou e disse assim:

Topei no que eu nunca tinha topado

Matei o ruim com o pió

Tirei o bom do mió

E se árvore é bom, raiz é mió

O homem priguiçoso cavou, arrumou a butija e seguiu viagem só com um estilanguinho mesmo pra segurar a pinta véa. Chegou lá aquele horror de gente. Todo mundo dizendo adivinhação pra princesa e ela adivinhando tudo, tudo. Cada príncipe que era uma beleza.

Chegou na vez dele, um disse assim:

– Rummm! As pessoas que sabe ler, que sabe o que é as coisa não casa cum a princesa. Um vagabundo véi desse, mulambento véi, que vai casar?

Chegou a vez dele. Ele entrou e o rei perguntou:

– Cuma é?

O homem priguiçoso então recitou sua adivinhação:

Topei no que eu nunca tinha topado

Matei o ruim com o pió

Tirei o bom do mió

E se árvore é boa, mais a raiz é mió

A princesa foi procurar nos livros. Procurou, procurou, procurou e nada encontrou. Ela deu três dias para o homem priguiçoso saber do resultado. Ele concordou e foi embora. Passou, passou, passou e com três dias o rei mandou chamar ele. Chegando lá a moça não adivinhou e o homem priguiçoso foi e se casou com ela.

(O. F. S., 63 anos, Bairro Cohab, Caxias-MA)